

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CORPO E SUBJETIVIDADE: PRODUZINDO SENTIDOS A PARTIR DO MOVIMENTO

Amanda Duarte Moura

NITERÓI, 2017

AMANDA DUARTE MOURA

CORPO E SUBJETIVIDADE: PRODUZINDO SENTIDOS A PARTIR DO MOVIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Psicologia. Orientadora: Lilia Ferreira Lobo.

NITERÓI, 2017

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M929c Moura, Amanda Duarte
Corpo e subjetividade: produzindo sentidos a partir do movimento. / Amanda Duarte Moura; Lília Ferreira Lobo, orientador. Niterói, 2017.
94 f.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.
1. Corpo negro. 2. Mulheres. 3. Dança. 4. Afetos. 5. Produção intelectual. I. Título II. Lobo, Lília Ferreira, orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

AMANDA DUARTE MOURA

CORPO E SUBJETIVIDADE: PRODUZINDO SENTIDOS A PARTIR DO MOVIMENTO

Banca Examinadora

Profa. Dr.^a Lilia Ferreira Lobo (Orientadora)

Profa. Dr.^a Catarina Mendes de Resende (UFF)

Prof. Dr.^a Anna Paula Uziel (UERJ)

À minha avó (in memoriam) com quem aprendi a bailar...

GRATIDÃO

À vida pela oportunidade dos encontros e construção coletiva dos afetos.

Aos meus familiares por, mesmo sem entender meus estudos, vibram com minhas conquistas. Em especial à minha mãe Mercedes que com sua calma e paciência apoia minhas escolhas, pois sabe que “depois que cresce o filho vira passarinho e quer voar”.

Aos corpos negros femininos que percorreram as análises deste trabalho. Em especial às participantes das oficinas de dança afro e de corpo e dança do Centro de Referência de Mulheres na Maré- Carminha Rosa, que sempre me encantaram com suas histórias de luta e resistência na vida. Gratidão em especial ao CRMM-CR, lugar de aprendizado e qualificação, que me inspirou na construção de uma prática profissional, ativismo e numa aposta pelos direitos das mulheres.

Aos amigxs de sempre: César Luis, Fernanda Barros, Daniele Rezende, Suelen Cortázio, Leandro Venâncio, Maiara Faustino, Tainá Proença. Em especial à Luana Farias, Iaponira Santos, Lissandra Lopes e Suelen Silva: Lulu por me oferecer abrigo, carinho, ombro amigo e inspiração numa vida pautada por práticas políticas e de autonomia feminina; Iapo por sempre me receber com carinho em seu lar, disponibilizando escuta e acolhimento em minhas indecisões; à Lissy, amiga de tantos anos, por me nutrir com sua sabedoria, espiritualidade, colo e força diante dos momentos mais difíceis e à Sussu, presente em minha vida desde a UERJ, que sempre me incentiva.

Aos queridxs da turma de mestrado na UFF com quem muito aprendi nesses anos do curso. Em especial: Catiúscia, Camilla, Gabriel, Stallone e Gabriela: Stallone por me receber em sua casa de braços e coração abertos e Gabi por sua amizade, companheirismo, momentos de reflexão, lazer e por ser abrigo em tantos outros momentos nesse último ano.

À Marilisa Travassos, Pedro Cassiano, Luana Farias, Fernanda Barros e Pedro Almeida pela leitura atenciosa da minha escrita, pelas perguntas lançadas, os apontamentos feitos. À Mamudo Djante pela contribuição e apoio neste momento final. Gratidão pela disponibilidade de todos vocês.

À Fabiana Terra, minha psicóloga durante esse momento final de escrita, que carinhosamente acolheu parte desse (in)tenso processo de escrita.

Ao Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis (CDDH), no qual atuei durante os momentos iniciais do Mestrado, local de aprendizado e desafios frente à atuação profissional na perspectiva dos direitos humanos.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa do Contemporâneo do Corpo Negro (NECCN) da Faculdade Angel Vianna que me recebeu carinhosamente durante alguns meses, movimentando meu corpo e minhas reflexões frente ao entendimento do corpo negro.

À Lilia Lobo pelos momentos de orientação que, por vezes, me tiraram de minha zona de conforto, levantando questões que movimentaram parte dessa escrita. Às participantes do grupo de orientação: Jaqueline, Vivian, Samantha e em especial ao Pedro Almeida, com quem dividi algumas viagens do trajeto Petrópolis-UFF-RJ e que se mostrou um amigo de muitos momentos.

Às professoras Marcia Moraes, Catarina Resende e ao professor Auterives Maciel que estiveram presentes na banca de qualificação, levantando pontos importantes para esta escrita final. À professora Anna Paula Uziel que carinhosamente aceitou ao convite para compor esse momento final de defesa e que muito me inspira desde os tempos de UERJ. Gratidão pela generosidade, atenção e cuidado com que leram meu texto.

E por fim, à Fundação Capes, por conceder a bolsa que financiou este estudo.

RESUMO

Dança e movimento são desenvolvidos como sinônimos, nesta escrita. A dança/movimento se mostra como criadora de subjetividades possibilitando outras formas dos corpos negros femininos produzirem modos criativos de vida. Para tanto, acompanhamos parte das experiências da psicóloga-aprendiz-dançarina que, com a dança, analisa os sentidos construídos pelos corpos negros femininos que participaram da oficina de corpo e dança no Centro de Referência de Mulheres na Maré-Carminha Rosa (CRMM-CR) no ano de 2014, de movimentos na dança afro em 2016, entre outras experiências corporais. A pergunta que nos move é: Quais rupturas e invenções o corpo negro feminino é possível criar a partir do movimento, entendendo o corpo como historicamente marcado? Nossas análises nos conduzem à possibilidades criativas, no modo de estar no mundo, por meio dos encontros, afetos e construções coletivas.

Palavras-chave: corpo, negro, mulheres, dança, afetos.

ABSTRACT

Dance and movement are developed as synonyms in this writing. The dance/movement shows itself as the creator of subjectivities enabling other forms of the black female bodies to produce creative ways of life. Therefore, we have accompanied experiences of the psychologist-apprentice-dancer who, with dance, analyses the senses constructed by the black female bodies which participated in the body and dance workshop at the Reference Center for Women in Maré- Carminha Rosa (CRMM-CR initials in Portuguese) in 2014, movements in Afro dance in 2016, among other corporal experiences. The question that moves us is: What ruptures and inventions can the black female body create from the movement, understanding that this body is marked historically? Our analyses conducted us to creative possibilities in the way of being in the world through encounters, affections and collective constructions.

Key-words: Body, Black, Woman, Dance, Affection.

SUMÁRIO

I- Introdução	11
I.1 A dança e a escrita.....	14
I.2 Corpos subjugados: saber-poder.....	17
I.3 Movimentos históricos do corpo negro.....	21
I.4 Marcas, movimentos e composições.....	24
Capítulo I- “Chegou a hora da psicologia!”- Quando os movimentos compõem.....	25
I.1 Marcações corporais: resistências e heterotopias	29
I.2 Dança afro: resistências e Corpo Sem Órgãos (CsO)	31
Capítulo II- Danças e afetos: passos de uma psicóloga aprendiz.....	38
II.1 “Dançar é fluir na imanência”	38
II.2 Corpos dos afetos.....	38
II.3 Os corpos no Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa- CRMM-CR.....	40
II.4 Afetos de uma psicóloga aprendiz e seus atravessamentos.....	54
II.4 Habitando um movimento: O que pode um corpo em uma ocupação estudantil?.....	58

Capítulo III- Corpo negro e subjetividade: movimentos de uma aprendiz dançarina.....	64
III.1 Um corpo negro feminino para o trabalho	64
III.2 Corpo negro feminino sexualizado	67
III.3 Compondo com as diferenças	69
III.4 Devir corpo-negra	76
Considerações Finais:	85
Referências Bibliográficas	88

*A voz da minha bisavó ecoou
criança nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.*

*O ontem- o hoje- o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade*

(Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo)¹

¹ Conceição Evaristo. “Poemas da recordação e outros movimentos”. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

I- Introdução

“Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas”. (ANZALDUA, 2000, p. 235)

O desafio está lançado. Ou seria melhor dizer que ela permitiu lançar-se neste desafio que é falar sobre corpo a partir de experiências com o movimento? Mas como transformar em palavras, frases e parágrafos, movimentos experimentados no corpo? Como transcrever experiências vividas no campo dos afetos, sem perder as singularidades produzidas pelos encontros com outros corpos, pessoas ou situações? Como ler, codificar, traduzir uma imagem ou gesto, em uma escrita acadêmica? Lanço-me ao desafio. Estou no movimento. A escrita e o corpo são os movimentos. Mas não estou sozinha nessa dança, trago comigo outras vozes, passos e eles comporão este trabalho que será descrito ora em primeira ou terceira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural. A intenção é “bailar” com a escrita padrão e compor com a multiplicidade de vozes que povoam os pensamentos, a escrita, nossas experiências e corpos.

Mas não é qualquer corpo e qualquer movimento que interessa. O corpo dessa escrita contém uma política, uma certa produção de saber sobre ele e algumas marcas. Os movimentos descritos são aqueles que proporcionam uma ruptura: de um modo de pensar, de uma maneira de intervir, de uma forma de entendimento sobre outros corpos. Romper seria a palavra-chave dessa dissertação. Movimentos de ruptura são os que nos instigam seguir: com a escrita, com o corpo, na vida... O que é possível romper com o movimento? Quais rupturas são possíveis com a escrita? A intenção não é tentar dar conta desses e de tantos outros questionamentos que possam surgir nas próximas linhas. Porém, buscamos movimentos que nos possibilite, acima de tudo, produzir modos inventivos na vida.

Além disso, o desafio se faz ainda por conta da complexidade em narrar e analisar acontecimentos que ocorrem no mesmo tempo-espço da pesquisa. O objeto de pesquisa vivo, pulsante e que, por isso, está em movimentação permanente: um corpo que se transforma e se (re)faz a todo instante.

Laçamo-nos aos primeiros movimentos...

A chegada ao Centro da cidade do Rio de Janeiro traz consigo uma quantidade excessiva de pensamentos: reflexões sobre as motivações em estar numa aula de dança

afro, sobre a rotina cotidiana de trabalho e estudos, sobre os momentos de lazer que faltam. Em meio a isso, o encantamento com a arquitetura da cidade noturna se faz presente: local da boemia carioca e dos corpos pretos. Tantos os de antigamente, pessoas escravizadas que trabalhavam e moravam nas proximidades, quanto os de agora, que dormem nas calçadas das igrejas e percorrem os bares pedindo um “trocado”, mostrando sua arte pelas ruas... O caminho até o local da aula de dança, percorrido sempre a passos largos, evidencia os resquícios de uma Lei Áurea que não possibilitou a inserção dos negros e pobres nos espaços socioeconômicos: tráfico na esquina do bar. Cena cotidiana. Eu passo. Eles ficam. Continuamos nossos “movimentos”. Na dança de hoje, nossos corpos se movimentaram com uma energia diferente. Para além das pessoas novas que chegaram para a atividade, fomos tomadas por uma situação que aconteceu com uma das participantes. Joana² chega agitada na sala. Nós estávamos sentadas em roda tentando também assentar corporalmente naquele espaço físico e nos conectarmos ao momento presente para o início da aula quando a jovem, chorando, conta o que acabara de vivenciar no trem. Joana compartilha que um homem desconhecido, na confusão e tumulto de entrada e saída de pessoas do vagão, lhe dá um tapa nas costas. No momento em que ouço esse desabafo sinto meu corpo silenciar, como se buscasse um certo entendimento no fato que era contado, abrindo espaço para se aproximar às experiências daquele outro corpo. Situações de violência, de uma forma geral, me impactam e paralisam. O grupo de mulheres ouve e acolhe essa partilha. Pronunciamos palavras de conforto, creio que nem tanto para ela individualmente. As falas pronunciadas atentavam para o lugar do corpo da mulher negra em nossa sociedade. Fomos para parte corporal... ou já estávamos nela desde o início? (dança afro, abril de 2016)

Os corpos, no vai e vem cotidiano, no movimento trilhar dos vagões, nos afetos que nos atravessam marcou o corpo de Joana, mas também reverbera em todas as participantes na referida aula de dança. Os movimentos praticados neste dia tiveram um vigor diferente. Durante a oficina de dança algumas participantes realizavam os movimentos com uma energia vibrante acompanhada de gritos em determinados momentos. Nossos corpos ficaram suados. A vontade de soltar a voz juntamente com as mulheres se fez presente, mas o grito não saiu. No momento da partilha, ao final da oficina, mais uma vez em roda, o espaço era para compartilhar as experiências deste dia e, novamente se emocionar com os relatos de

² Os nomes utilizados na dissertação são fictícios.

resistência daqueles corpos negros femininos que contavam suas marcas e histórias de sobrevivência: situações de violência doméstica sofrida, o exaustivo cuidado com os filhos sem a presença de uma figura paterna e a luta, quase que diária, para se mostrar forte diante do pesado cotidiano.

A cena da agressão é impactante em diversos aspectos, para além da violência sofrida pela jovem. Quem divide a história com o grupo de mulheres é uma pessoa de aspecto corporal robusto e com movimentos de intensa atitude diante da vida. Joana não chega despercebida às oficinas de dança. Seu corpo percorre os espaços por onde circula com uma altivez e segurança poucas vezes vista nesse corpo negro feminino, construído socialmente subalterno. Durante as oficinas de dança afro, este corpo ficava mais em evidência despertando desejos e motivando as participantes iniciantes. Como se ele servisse de inspiração para que seus corpos também tivessem essa força e atitudes diante da vida. Como se o corpo mostrasse possibilidades inventivas e outras formas de tecer relações com o mundo. No entanto, uma coisa que chama a atenção é que, mesmo esse corpo, de aspecto firme e altivo, não esteve imune à agressões. Toda aquela presença corporal na dança, e quiçá na vida que Joana possui, dividiu com o grupo que, no momento da agressão sofrida, não soube o que dizer, não sabia o que fazer e algumas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

O relato contido nas linhas acima é uma ilustração do que aconteceu no bojo das aulas de dança afro em que me aventurei participar no ano de 2016. Chego para esta oficina após a indicação de uma colega do mestrado que já conhecia o grupo e aqueles movimentos. Com o início dos estudos no Programa de Pós-Graduação, buscava uma dança onde pudesse ver e acompanhar os corpos negros femininos em movimento, além de procurar entender como o trabalho corporal produzia modos de vida criativo junto às mulheres que participavam dessas oficinas. A pesquisa sobre experiências com a dança se desenvolveu com o intuito de ser mais uma possibilidade de acumular relatos, histórias e experiências para essa escrita. Colecionava experimentos do trabalho corporal junto às atividades realizadas no Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa (CRMM-CR), onde acompanhei, entre outras tarefas, uma oficina de corpo e dança no ano de 2014.

A escolha pela modalidade “dança afro”, como complemento das análises dessa pesquisa, não foi aleatória, muito menos ingênua ou fruto de um acaso proveniente da indicação da colega. Já havia feito, um tempo atrás, uma oficina de dança negra num grupo de mulheres e, portanto, estava familiarizada com alguns daqueles movimentos. Experimentei

em meu corpo algumas sensações e pretendia ampliar a discussão na temática. A intenção foi sentir através de meu corpo, um tipo de movimento o qual, habitualmente, não estava acostumada. Queria sensibilizá-lo ao encontro e construir possibilidades e produção de sentido de vida junto aos corpos negros femininos que também se aventuravam no movimento.

A dança afro é entendida como uma das ramificações das danças negras que vieram com os africanos e africanas escravizados e trazidos ao Brasil. Ela apresenta diferentes constituições e modos de produzir dança e movimentos, que varia de acordo com a região do país; muito por conta da diversidade cultural dos africanos e africanas que protagonizaram essa modalidade de dança. No Rio de Janeiro, por exemplo, ela tem início na década de 1940 a partir do trabalho desenvolvido por Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que, com o intuito de marcar essa dança, aliou os conhecimentos do balé clássico e da dança moderna que eram suas referências. De um modo simplificado, a dança afro pretende buscar a autonomia do corpo negro subjugado socialmente e marcado por estereótipos marginais. (PEREIRA, 2014)

I.1 A dança e a escrita

Cresci em uma família composta, em sua grande maioria, por pessoas não negras. Construimos nossas experiências de vida entorno da figura de minha falecida avó materna. Eu, ainda criança, segundo compartilha minha mãe, ouvia da avó que “*era a neta mais pretinha, mas que ela mais gostava*”. Com minha avó aprendi a disponibilizar um espaço de escuta para ouvir histórias de sua infância no interior de Minas Gerais e, seus romances proibidos. Além disso, dançávamos juntas em sua sala, o forró dos bailes e festas que ela freqüentava “*ainda menina-moça*”.

O corpo negro ocupa um lugar outro em nossa sociedade, onde os marcadores sociais, raciais e de gênero, muitas vezes o excluem e segregam. Falar sobre corpos negros femininos é assinalar uma posição pessoal, uma vez que me sinto implicada ao escrever sobre a temática, enquanto construo, cotidianamente, minhas experiências de vida atravessadas por este corpo negro. E também há um interesse acadêmico por buscar entender como os estudos em psicologia possibilitam a interseção e diálogo entre diferentes campos e áreas de conhecimento. Identifico essa questão como um desejo secundário nesta dissertação. Indagamo-nos que composições e rupturas construimos nas interfaces do corpo negro

feminino e do movimento? Que produções acadêmicas são possíveis entre a psicologia e a dança?

Não sei especificar ao certo quando a dança entrou em minha trajetória pessoal. Não me considero uma dançarina, nem sou formada em alguma técnica corporal. Sinto-me como uma aprendiz. Tanto em relação aos estudos e trabalho com o corpo, quanto na atuação profissional em psicologia. Além disso, o que na verdade me encanta é o movimento do corpo. Acreditamos que nele há criações e invenções de diversas modalidades e intensidades.

A atuação profissional a partir do movimento, no entanto, tem início quando passo a integrar a equipe de profissionais do Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa (CRMM-CR) onde atuei por dois anos, enquanto me especializava no Programa de Pós-Graduação do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas e Direitos Humanos (NEPP-DH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 2013 e 2015. A especialização recebia o nome de Residência Multidisciplinar em Política de Gênero e Direitos Humanos³.

O CRMM-CR é um projeto de extensão da UFRJ vinculado à Secretaria Municipal de Política para Mulheres. O referido serviço é destinado ao atendimento de mulheres, especialmente as que se encontram em situação de violência de gênero⁴. O Centro oferece atendimentos individuais interdisciplinares com profissionais do direito, serviço social e psicologia além de disponibilizar oficinas sob distintos formatos. Os espaços coletivos das oficinas se organizavam a partir de duas configurações: 1) as oficinas sociais e 2) as oficinas socioculturais.

As oficinas sociais destinavam-se a produção de trabalhos manuais como crochê, bordado, artesanatos, tinham como “facilitadora” alguma mulher que residia na favela e que já dominava aquela arte e apresentava um caráter de ser geradora de renda. As oficinas socioculturais englobavam atividades com momentos de leitura e trabalho com o corpo e eram conduzidas por estudantes da graduação de pedagogia e em dança. Ambas as oficinas foram

³ A Residência Multidisciplinar em Política de Gênero e Direitos Humanos foi pensada nos moldes de um curso de especialização na modalidade *lato sensu* e tinha por objetivo realizar o treinamento em serviço, no qual a experimentação de metodologias de atenção interdisciplinar estava voltada para ampliação da cidadania feminina. O curso teve duração de dois anos, com uma carga horária total de 3.428 horas, onde a maior parte foi cumprida no CRMM-CR, atuando no serviço.

⁴ A violência de gênero é aquela praticada contra as mulheres em espaços públicos e privados. Estas englobam deste situações de estupro e assédio sexual, à violências físicas e psicológicas cometidas por pessoas desconhecidas; parceiros/as atuais, ex-parceiros/as e/ou familiares.

acompanhadas por estudantes da graduação, pós-graduação e servidores técnicos da Universidade, evidenciando a tríade “ensino-pesquisa-extensão”.

As atividades em grupo, para além de ser um momento onde as participantes aprendiam uma nova arte ou ofício, (já que algumas delas utilizavam o aprendizado dos grupos para contribuir com o orçamento familiar), configuravam-se como um espaço de troca e reflexão sobre os papéis sociais da mulher na sociedade. Nesses grupos levantávamos discussões acerca de temáticas que percorriam a questão de gênero e direitos humanos e conversávamos sobre a rotina das participantes diante dos acontecimentos na favela.

As cenas que irão compor esta escrita serão um resgate dos diários de campo da experiência de trabalho no CRMM-CR; de alguns encontros com a dança afro, e de vivências corporais na dança, como em oficinas durante a ocupação estudantil e em locais extra-acadêmicos, onde as experiências desses corpos negros femininos buscarão uma sintonia__ não no sentido de uniformizar algum tipo de experiência ou discurso, mas a fim de nos aproximarmos para então produzirmos sentidos e modos singulares de vida a partir de nossas diferenças.

Nossa escrita também é realizada a partir do campo dos afetos. Cenas onde algo provocou em mim e nas outras mulheres reflexões de diferentes ordens. Entendemos esse afeto no sentido spinozano (2015) como uma ação para o movimento, de possibilidade de abertura de novos fluxos de pensamentos e sensações corporais. Porém, estamos cientes de que o movimento também se faz em situações que nos paralisam, portanto, nessa escrita haverá espaço para situações em que não tivemos como intervir, de momentos silenciados pelas mulheres e por outros corpos.

Os diários de campo, apresentados em cada capítulo, tópicos ou ao longo do texto, serão citados de uma forma literal ou, em alguns momentos, haverá a necessidade de uma escrita atualizada dessas cenas, como uma memória revisitada das situações onde o corpo se mostra a partir do movimento. Para tanto, a forma como os diários de campo se mostram não seguem uma lógica linear. Inspirada pela noção do movimento, que percorre distintas intensidades, eles (diários de campo) compõem a dissertação em suas diferentes gradações: de forma leve, intempestiva, silenciosa ou vibrante, dependendo do contexto. O sentido, que conduzirá a utilização dos relatos, será o de movimentos que tenham mobilizado, em certo modo, alguma das participantes ou que afetaram meu corpo. Além do mais, serão

protagonizados pelos corpos negros femininos, situações em que eles aparecem ou que se discute sobre eles.

A proposta de uma escrita atualizada acontece pois no CRMM-CR, além de acompanhar as oficinas, tínhamos a função de produzir relatos após cada encontro. Descrivíamos situações ou falas que chamassem nossa atenção e pontuávamos intervenções realizadas junto ao grupo. Compartilhávamos ainda, esses relatos em algumas reuniões coletivas com a presença de toda equipe. Os relatos produzidos para o CRMM-CR não tinham a necessidade de um formato específico, porém, para nossa escrita atual, eles estão sob um mesmo padrão, a fim de não separarmos as experiências tidas com as atuações profissionais na dança/movimento, das experiências possivelmente tidas como do campo pessoal, como a dança afro.

Os diários de campo, sejam quando forem de momentos em que atuava enquanto psicóloga, sejam das oficinas particulares na dança apresentam-se com um mesmo formato gráfico, situando somente os locais em que as cenas se darão por entender a importância de localizar temporal e espacialmente os relatos. A intenção é mostrar as produções possíveis desses corpos negros femininos que se constroem coletivamente. Com exceção dos relatos produzidos nas oficinas do CRMM-CR, onde havia uma necessidade de registro das oficinas acompanhadas, as contribuições oriundas dos diários de campo em oficinas e atividades pessoais se deu por perceber o quanto esses espaços produziam afetos em mim. Ter a chance de debruçar-me sobre eles foi uma maneira de analisar as cenas no contexto das oficinas que participava.

I.2 Corpos subjugados: saber-poder

A localização será um movimento freqüente nas linhas desse texto. Escrita localizada. Fala localizada. Corpos localizados e marcados. A noção de localização vem dos estudos de Donna Haraway (1995). Discutindo a objetividade nos estudos científicos, a localização se dá a fim de desenvolver a importância das perspectivas parciais, a “perspectiva dos subjugados”, para construção de saberes embasados nos discursos não-hegemônicos das produções científicas. Produzir conhecimento é uma forma de deter poder. Sendo assim, a importância dessa perspectiva parcial é que ela nos permite refletir sobre os saberes e práticas que não são utilizados pela ciência, os fatos e discursos que ficam à margem, o que não se constitui como padrão nas apostas científicas:

As perspectivas dos subjugados são preferidas porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo. [...] O único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular. (HARAWAY, 1995, p. 23- 33)

O questionamento sobre o que, atualmente, se constitui como ciência também é válido. Muitos discursos e práticas experimentadas longe das paredes dos grandes laboratórios e centros de pesquisa, ficam à margem dos ditos “saberes científicos” verdadeiros. Corpos negros, gordos, transgêneros, deficientes entre outros marcadores, muitas vezes, acabam não sendo reconhecidos em suas produções e existências em nossa sociedade, que se constitui de forma padronizada.

Em relação aos corpos, a ciência e, particularmente, a sociedade ocidental, desde muitos anos vem construindo padrões sobre os tipos de belezas aceitáveis, comportamentos sociais toleráveis, ideais de saúde a serem seguidos, corpos valorizados. O que Foucault (2014) no campo da filosofia chama de uma “tecnologia política do corpo” (p.30). Essa tecnologia, esse saber produzido sobre os corpos, criam uma disciplina, um controle e também regulamenta os corpos sociais.

Depois da anatomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomo-política do corpo humano, mas o que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana. (FOUCAULT, 2005, p. 289)

Essa biopolítica atuaria regulamentando corpos e padrões corporais, legitimando determinadas formas de vida e menosprezando, quando não exterminando, outras. O domínio, de acordo com Foucault (idem), não aconteceria num nível individual, mas sim, através de um controle sobre a idéia do que veio a se configurar como “população”. Apesar da noção de população não fazer esse registro da condição racial no texto do filósofo, atentamo-nos para o fato de como os corpos negros, e principalmente os femininos, estão submetidos a determinados tipos de controle, muito por conta de sua marca histórica.

De acordo com Foucault (2014), as relações de “poder-saber” são construídas com o intuito de punir, controlar os corpos e padronizar experiências. Experimentamos, em nossa vivência ocidental, um discurso e, portanto, uma produção de saber, construída a partir dos conhecimentos produzidos, em sua grande maioria, pelo homem branco. Esse discurso

localizado produz hierarquias. São experiências discursivas pautadas em uma relação de poder.

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema de poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos do conhecer e as modalidades do conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito do conhecimento que produziria um saber, útil ao arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (IDEM, p.31)

Nossos corpos carregam marcas. As produções científicas e, portanto, produções de conhecimento possuem um padrão e certa perspectiva de mundo. Geralmente ela é produzida acerca de um ponto de vista que pretende defender um olhar que atenda à determinado interesse. A ciência, produzida a partir de uma perspectiva universalista, tem no homem branco ocidental um porta-voz desses discursos. Discorrer sobre corpos marcados, de acordo com o referencial citado em Haraway, mas que também percorreu os estudos de Foucault, quando descrevia, por exemplo, as experiências dos corpos dos condenados, se faz significativo, pois a perspectiva dos subjugados oferece uma versão de mundo percebida a partir de um ângulo distinto do ponto de vista universal: “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro.”(HARAWAY, 1995, p. 16). As marcas nessa escrita aparecem não com a proposta de uma identidade sobre determinados corpos, mas a fim de localizá-los histórica e socialmente.

Nesse sentido, poderíamos dizer que há produções acadêmico-científicas tidas como reais/válidas e outras marginais, soterradas, que muitas vezes, não são reconhecidas como ciência ou como saberes legítimos, porque nas experiências pautadas por esse tipo de relação há o imperativo das desigualdades, colocando um saber como sendo mais importante que o outro. Como acontece, por exemplo, no campo das produções acadêmico-científicas da neuropsicologia americana que são reconhecidas como sendo mais fidedignas que os saberes

localizados das produções em psicologia social produzidas na América do Sul. Onde, na verdade, deveríamos primar por fazer valer os diferentes discursos que produzimos, sob as mais variadas perspectivas de onde nos localizamos.

Sendo assim, o convite é para que possamos acompanhar os passos desses corpos negros femininos, partindo das experiências de uma psicóloga-aprendiz-dançarina que busca entender como a dança, vista aqui como movimento, produz sentidos de vida. Procuramos analisar como é possível construir experiências singulares junto a esses outros corpos femininos a partir dos encontros que bailamos na vida, tecendo saberes e formas de estar no mundo de um modo plural, coletivo e diverso.

Para tanto, nos questionamos: que rupturas e invenções o corpo negro feminino⁵ é capaz de criar a partir do movimento? Partimos da aposta que, mesmo historicamente marcado como um corpo dócil, submisso e disciplinado, os corpos negros femininos, na dança, (re)constroem modos de vida criativo, compondo com suas marcas.

“No gesto comum, o braço entra em movimento no espaço porque a acção impõe do exterior uma deslocação ao corpo; pelo contrário, no gesto dançado, o movimento, vindo do interior, leva consigo o braço.” (GIL, 2001, p.14) Os movimentos desse corpo, desta escrita, são aqueles que possibilitam a movimentação de algum afeto. Aqueles em que provocaram passagens, paralisações, reflexões e análises.

Os movimentos do corpo, identificados a partir das experiências com as danças (movimentos), entram em cena como análise por entender que quando a consciência corporal é desenvolvida, estamos favorecendo formas de produção de conhecimento e de escrita que não percorrem somente o campo intelectual. Longe de fazermos referência a uma dualidade de corpo/mente, intelecto/razão e corpo/emoção; a aposta é numa unidade corporal aberta à intensidade de fluxos, e por isso, com possibilidade de criação. Ao disponibilizar o corpo como *lócus* de intervenção e criação, mais do que uma mera repetição de movimentos, a dança possibilita afirmar uma unicidade entre corpo e mente, sendo possível, a articulação e desenvolvimento conjunto de processos produtivos corporais e uma ampliação da tomada de consciência por parte da pessoa que dança.

⁵ O referencial feminino que utilizamos é o cisgênero: pessoas designadas mulheres ao nascer e que se identificam com o gênero feminino. Estamos cientes da importância em englobar as diversas designações femininas, no entanto, para esta escrita, optamos por não desenvolver essa questão, uma vez que, não tivemos contato com outras formas de expressão do ser feminino.

Os movimentos do corpo negro feminino na dança nos convidam a dar um passo nessa escrita. Um passo ao passado mas que não se figura um retrocesso, atraso ou apego histórico. Esse movimento se propõe diferente: convida-nos a voltar ao passado assim como o *Sankofa*⁶ a fim de construir novos passos.

I.3 Movimentos históricos do corpo negro

O corpo negro cativo e subjugado aos interesses dos colonizadores portugueses, na época da escravidão brasileira, guarda marcas históricas que, até os dias atuais, refletem no modo como os corpos negros são tratados e a que papéis sociais lhe são esperados: “o corpo negro é, em parte, o corpo raptado em África, jogado em porões de navios negreiros, acorrentado em senzalas, obrigado a trabalhos forçados; o corpo vestido de algodão cru ou de rendas, mas descalço porque escravizado, que se movia das cozinhas para as ruas. (RATTS, 2007, p.66) Um corpo historicamente marcado.

Esse corpo negro escravizado, a partir dos castigos corporais que recebiam por conta de sua “rebeldia”, construía certo nível de obediência afim de não sofrerem as humilhações que lhes eram imputados pelos seus senhores e capatazes. Esse aspecto rebelde pode ser entendido também como uma tentativa em não se fazer dominado. No entanto, as técnicas de submissão utilizadas eram tão sutis que, quanto mais o corpo negro era docilizado, mais ele era capturado por essas políticas corporais de saber-poder.

Como manter essa multidão subserviente para o trabalho, evitar o risco de rebeliões, fazê-la crer em sua inferioridade, aceitar como naturais suas condições de vida e de trabalho e submetê-la definitivamente ao poder senhorial? A variação entre o castigo corporal e outras técnicas “incorpóreas” (Foucault, 1977b) como o paternalismo, surgia na medida da obediência do escravo, em uma fórmula simples e bem dosada: maior a obediência, maior o traço paternalista; por outro lado, menor a obediência, maior o castigo corporal. Ou seja: quanto mais a alma era roubada, menos o corpo padecia. (LOBO, 2015, p. 154)

A construção de um corpo obediente, como forma de se livrar dos castigos corporais, deixa um registro cativo nas subjetividades das pessoas negras. “A marca histórica que rasgou a carne e as subjetividades brasileiras, que chegou quase ao século XX, faz suas cicatrizes

⁶*Sankofa* é um ideograma ou adinkra africano e representa um pássaro que voa para frente com a cabeça voltada para trás significando voltar ao passado para ressignificar o presente. Referencial disponível em: <https://projetomitologia1.wordpress.com/2011/10/10/sankofao-passaro-ancestral/> Acesso em: 13/07/2017.

dolorosas ainda latejarem no cotidiano”. (IDEM, p. 123). Analisando historicamente, é possível observar o quanto esse tipo de construção contribuiu para a visão inferiorizada sobre como o corpo negro é visto nos dias de hoje. Essa inferiorização se mostra, por exemplo, quando eventualmente entramos em contato com notícias nas mídias, mostrando a desvalorização de atributos corporais negros de pessoas que estão em determinadas condições sociais. Tal aspecto evidencia o quanto os atributos de classe e raça, na constituição da sociedade brasileira, são categorias analíticas que estão próximas.

Deparamo-nos com situações em que aparecem pessoas não negras, em condições sociais ou exercendo determinada função de trabalho, habitualmente destinadas a pessoas com outro perfil racial. Manchetes televisivas onde se ganha destaque “a gari mais bonita” ou “o mendigo gato⁷”, Como se ao corpo negro fosse destinado, como fora nos séculos passados, as ocupações de menor prestígio social, baixa remuneração, pouco qualificado e em situações de miserabilidade e pobreza. A “alma roubada”, ou seja, a subjetividade capturada, a usurpação de seus costumes, tradições e culturas influenciados pela herança histórica produzida acerca da construção de um corpo negro submisso e servil.

Pode-se afirmar que a única marca que esteve universalmente presente no corpo do escravo, pelo castigo, pelo prêmio, pelo paternalismo ou pela promessa de alforria (no campo, nas cidades, nas minas e nos engenhos) foi, sem dúvida, a reafirmação constante da submissão ao poder senhorial. (IDEM, p. 173)

Nilma Gomes (2008) nos ajuda a analisar essa questão solicitando-nos atenção ao debruçarmos sobre as marcas históricas da escravidão e da abolição no Brasil. Para a autora, elas não são as únicas responsáveis pelas questões raciais desenvolvidas no país. Desde a oficialização da Lei Áurea (1888), até nosso momento atual, houve várias mudanças históricas que interferiram nesse processo que perpassam questões como o desenvolvimento do capitalismo, situações políticas, encontros e desencontros culturais, aumento da exclusão social, globalização, entre outros fatores. Gomes (2008) afirma, que é preciso “lançar um olhar sobre a História para compreendermos como certas mentalidades foram constituídas e formuladas durante os processos econômicos, políticos e culturais que envolvem o negro e a negra brasileiros.” (p.132)

⁷ Esses jargões foram veiculados na mídia em momentos distintos e ajudam a exemplificar a discussão levantada. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/gari-carioca-chama-atencao-pela-beleza-faz-sucesso-nas-redes-sociais-16811722.html>; <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/10/mendigo-gato-de-curitiba-arrumam-namorada-e-volta-ser-modelo.html> Acesso em: 13/07/2017.

Percebemos o quanto os processos históricos e culturais, que caminham lado a lado, constroem uma sensibilidade, em relação à forma como as pessoas negras são vistas no Brasil e a que seus corpos são associados, social e economicamente. O levantamento dessas questões não tem por objetivo assinalar uma subjetividade negra no sentido de unificar tais experiências, até porque tal afirmação contrapõe o próprio referencial de subjetividade com o qual nos aliamos nesta escrita. Afirmar essa sensibilidade é entender um modo de estar e construir relações de uma maneira diferenciada; atentando-nos para as especificidades que atravessam a constituição e construção desse corpo negro em sociedade, assinalando essas marcas produzidas pela história e pelo social.

Com essa discussão não pretendemos negar o extermínio acometido a outras populações desfavorecidas socialmente, como por exemplo, a população indígena, a qual também sofreu uma tentativa de anulação de sua cultura por parte do colonizador branco. No entanto, é preciso ressaltar o quanto a escravidão negra em nosso continente americano apresentou, em seus registros quantitativos e nas imagens divulgadas em livros históricos e didáticos, essa referência ao corpo negro em condições de subserviência e exploração.

Outra análise pertinente é em relação a questão de gênero. Notamos, o quanto esse corpo negro, de um modo geral, carrega marcas históricas em sua constituição. Quando localizamos a situação do corpo negro feminino percebemos o quanto ele, no decorrer de sua construção, acaba por sofrer triplamente por conta dessa herança histórica. De acordo com Gonzales (1983) é justamente aquele corpo negro feminino anônimo, morador das favelas e periferias dos grandes centros urbanos, que sofre mais diretamente os efeitos das desigualdades de gênero, raça e classe. Pois:

Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos”. (IDEM, 1983, p. 231)

Nossos corpos são marcados e algumas marcas, de acordo com Rolnik (1993), chegam até nós por meio dessa ótica da violência. Ao fazer tal apontamento, não estamos falando sobre as situações de violência que deixam um registro corporal e psicológico nos corpos das pessoas que a vivenciam, como, por exemplo, a violência sofrida pela jovem Joana no trem ou as situações de encarceramento em massa dos jovens negros periféricos. Essa também é importante, no entanto, a violência é entendida aqui, segundo Rolnik, como um movimento

que desestabiliza uma ordem já posta, e não apenas, como algo ruim, e que destrói o outro. Fazer emergir singularidades em corpos marcados é trazer e compor com o novo que advém dessas violências. É construir possibilidades existenciais juntamente com as marcações corporais.

I.4 Marcas, movimentos e composições

Rolnik prossegue afirmando que é preciso estranhar as marcas que são feitas no corpo, pois, somente assim, construiríamos um processo de devir. O estranhamento é necessário uma vez que dissolve processos de identificação de indivíduo ou grupos que adotam a perspectiva identitária, por exemplo. O convite a esse estranhamento se faz, pois é preciso criar um sentido de vida juntamente com marcas corporais que nos habitam. Segundo a autora, quanto mais conseguimos estranhar as marcas, maior é o grau de potência com que afirmamos a vida. Ao estranhar as marcas construímos existências com possibilidade de devires outros. No entanto, endossamos que, para além de estranhar as marcas, num primeiro momento, precisamos compor com elas.

A fim de explorarmos tais questões, desenvolveremos esse texto em 3 capítulos onde, analisamos, a partir das cenas expostas como este corpo negro feminino constrói modos criativos de vida. No capítulo inicial “*Chegou a hora da psicologia- Quando os movimentos compõem*”, nos debruçamos sobre o referencial teórico com o qual nos aliamos a fim de discutir o conceito de subjetividade e qual perspectiva conceitual do corpo que desenvolveremos. Como não partimos de uma perspectiva dualista, corpo e mente, na referida dissertação, estarão expostos de forma contínua, sem uma separação. No capítulo II, intitulado “*Danças e afetos- passos de uma psicóloga aprendiz*”, produzimos uma escrita sobre o conceito de movimento relacionando-o com a atuação profissional no Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa. Vale ressaltar que, apesar de estar substancialmente desenvolvido neste capítulo II, o conceito de afeto desenvolvido por Spinoza, irá percorrer todo o trabalho. Por fim, no capítulo III “*Corpo negro feminino e subjetividade: movimentos de uma aprendiz dançarina*”, analisamos a construção social do corpo feminino negro e os movimentos de ruptura possíveis desse corpo historicamente marcado.

CAPÍTULO I- “Chegou a hora da psicologia!”- Quando os movimentos compõem.

As oficinas na Maré eram configuradas para que, ao final das atividades, servíssemos um singelo café às participantes. Esse era um momento onde as mulheres acabavam compartilhando um pouco mais das suas vivências, as rotinas de trabalho e família, além de nos atualizar sobre os acontecimentos da favela, como, por exemplo, se havia tido ou não tiroteio e/ou incursão da polícia por aqueles dias. Nutríamos esse espaço de troca com as participantes, pois tal informação era de significativa importância, entre outras questões, para o andamento dos nossos trabalhos. Diante de algumas informações a coordenação decidia por abrir ou não o serviço, a fim de não colocar em risco a segurança dos profissionais, estudantes e das mulheres que freqüentavam as oficinas.

O ano era 2014. Cristina, jovem negra participante da oficina de corpo e dança do CRMM-CR, no momento em que organizávamos uma roda com algumas cadeiras a fim de tomarmos o habitual café ao final da oficina, pronuncia empolgada a frase “*Chegou a hora da psicologia!*” Era o momento da fala verbalizada. Mas e o corpo?- pensava. O que ele dizia durante as oficinas?

Cristina foi a participante mais jovem da oficina naquele ano. Seu corpo negro participava ativamente das atividades com uma energia contagiante; um sorriso nos lábios e quase sempre com uma palavra de conforto às outras mulheres. Sua pouca idade contrastava com a maturidade que compartilhava os assuntos da vida, a seriedade e o compromisso que tinha com o trabalho: era babá de duas crianças numa família de classe alta, na Zona Sul- área nobre do Rio de Janeiro. Na oficina de corpo e dança apresentava movimentos leves, expansivos e acompanhados de um riso solto.

A frase dita por Cristina ressoou em mim durante alguns dias naquela época; foi material para discussão em alguns relatórios no CRMM-CR, mas a verdade é que, até hoje, passados mais de dois anos, ainda ecoa em mim. A participante da oficina de corpo e dança pronunciou a frase num tom afirmativo, mas para esta escrita ela chega como um questionamento: a hora da psicologia é somente o momento da fala verbalizada? Mas e o não dito? Aquilo que produzimos com os silêncios do corpo? Que corpo é esse que fala e diante do qual a psicologia tece seus saberes? E mais, que psicologia é essa que estamos dialogando?

Longe de tentarmos responder tais questões, elas nos chegam neste trabalho como uma tentativa de produção a partir das composições: corpo, mente, psicologia, dança/movimento. Entendemos que, mais do que saberes distintos, esses conceitos dialogam entre si e estão numa certa sintonia. A escolha em retomar a frase de anos atrás neste trabalho e, a partir de uma indagação se faz por acreditarmos que corpo, fala, psicologia, mente, dança e subjetividade não estão separados. Se para algumas pessoas, a hora da psicologia é somente aquele momento em que temos uma fala verbalizada, adotamos a perspectiva que o corpo também é portador de uma voz, um saber. Nesse mesmo sentido que, ao desenvolvermos a perspectiva do movimento/dança estamos trabalhando com subjetividades, com produções de modos criativos de vida.

Assim, afirmamos que nos distanciamos da proposta cartesiana de separação entre corpo e mente e nos aliamos ao referencial desenvolvido por Spinoza (2015) “(...) se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente.” (p. 60). Mente e corpo participam de uma mesma constituição, produz e sofre afetos de modo semelhantes quando em contato com o mundo. Para o filósofo, os processos pelos quais a ideia de um objeto afetam a mente do indivíduo, da mesma forma, o corpo, que é uma extensão, sofrerá efeitos dessa ideia. E o inverso também é experimentado, ou seja, a afecção no corpo possibilita produções de afetos que alcançam a mente.

Corpo e mente, associados, participam dos processos de movimentação, de criação e produção de modos de existência. E mais do que uma ligação constante, corpo e mente são unidades inseparáveis, uma vez que, “o pensamento, impregnado pelos movimentos do corpo, se opera num espaço virtual que atualiza simultaneamente os movimentos corporais e de pensamento.” (RESENDE, 2013, p.65). A mente, a partir do modo de pensar, produz experiências corporais.

Uma vez que os afetos são experienciados a partir dos encontros e trocas sociais que vivenciamos, podemos afirmar que os modos de subjetivação também são construídos a partir de nossas relações e nos espaços coletivos que circulamos. Tais modos produzem subjetividades que acabam por orientar nossas práticas sociais e a forma de estarmos em afinidade com as pessoas e com o mundo, pois “A subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social” (p. 31), como afirmam Guattari e Rolnik (1996).

Os referidos autores lançam mão de uma série de exemplos de práticas cotidianas a fim de exemplificar tal questão. Num de seus trabalhos (IDEM), onde problematizam a sociedade industrial, encontramos essa inter-relação entre máquina-indivíduo-sociedade. Como exemplo, descrevem a situação de uma pessoa ao volante num automóvel: ela não é algo individual mas faz parte de um processo de articulação servo-mecânica com o carro. A intenção, ao desenvolver esse tipo de pensamento, é também aproximar a discussão da questão econômica, a partir de questionamentos sobre o capitalismo atual e a influência dele em nossas relações. Tal movimento pretende deslocar-se da ideia de que o processo de subjetivação acontece num âmbito individual trazendo a discussão para o campo coletivo e também econômico. A própria noção de indivíduo é questionada pelos autores ao afirmarem que estes “são resultados de uma produção de massa.” (IDEM, p.31). Esse processo maquínico é utilizado para expor uma perspectiva onde as máquinas, não somente as técnicas, “que se encontram na produção, mas também máquinas teóricas, máquinas de sensibilidade, máquinas literárias, etc.” (IDEM, p. 48) funcionam por agregação ou processos que dinamizam e orientam nossa vida em sociedade.

Em meio a esses processos, o corpo tem um papel ativo nas produções subjetivas. Pensá-lo enquanto participante nas construções dessas subjetividades é crer numa produção de modos de estar no mundo a partir dos afetos que construímos com outros corpos, objetos, sensações e movimentos. As singularidades que são esses “modos de sensibilidades; modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzem uma subjetividade singular.” (IDEM, p.17), é um produto do processo de subjetivação; e acontecem quando experimentamos a criação de formas variadas de expressão, de meios criativos em nossas interações sociais.

Por outro lado, quando nos submetemos à subjetividade da forma que a recebemos, sem construir algo singular e novo, reproduzindo determinados comportamentos, ações e modos de pensar, produzimos formas de vida alienantes e pouco autênticas. Esse processo de subjetivação, quando constrói subjetividades em massa e alienadas, diminui formas criativas em nossa organização social, uma vez que modeliza, serializa e individualiza, tal como uma indústria, bloqueando a criação de processos singulares. E, uma vez bloqueada, a singularidade torna-se insensível à produção de existências criativas e múltiplas.

Nesse mesmo sentido, assim como acontece nos processos de subjetivação, o corpo participa desse processo de formação de singularidades. Esse corpo, sendo assim, é marcado

por formações de singularidades regidas pelo *socius*. Os acontecimentos experimentados em nossas trocas sociais atravessam e constituem o corpo, que, por sua vez, passa a ser também uma produção coletiva: “Esse corpo não comporta órgãos individuados: ele próprio é atravessado pelas almas, pelos espíritos que pertencem ao conjunto dos agenciamentos coletivos.” (IDEM, p.278)

Atentando-nos para a importância do corpo enquanto percorremos a noção de subjetividade, nos aproximamos do conceito de animismo maquínico que endossa tal proposta. Segundo Melitopoulos e Lazzarato (2011), tal conceito faz referência a um “descentramento da subjetividade, separando-a não apenas do sujeito, da pessoa, como também do humano.” (p.8). Os autores citam os estudos realizados por Eduardo de Castro, baseados nos povos ameríndios da Amazônia, onde foi possível observar que, de acordo com as vivências daquele grupo, tudo era dotado de humanidade- humano e não-humanos (animais e objetos). Conta a história que, para os ameríndios, a vida era contada a partir do momento em que alguns desses seres deixavam de ser humanos para se tornarem objetos e animais. Assim, a constituição humana, segundo Eduardo de Castro, é justamente o inverso: nos tornamos humanos quando possuímos um corpo, já que “alma” (subjetividade), todos os seres possuem:

O que nos faz humanos é nosso corpo e não nossa alma. A alma é, ao contrário, a coisa mais comum do mundo. Todas as coisas são animadas. Eis o animismo. É preciso fazer um corpo. Daí a importância, no mundo dos ameríndios, de todas as técnicas de fabricação do corpo: adornos, marcações, tatuagens, inscrições, pinturas. Tudo para fazer um corpo que seja suficientemente diferente desse, digamos, fundo genérico de humanidade ou de almas que faz com que todas as entidades do mundo se comuniquem. (IDEM p. 18)

Segundo o referencial do animismo maquínico a diferenciação entre indivíduos, objetos e natureza, seria feita a partir da produção de um corpo; pela construção de um corpo marcado. Mesmo que Melitopoulos e Lazzarato (2011) descrevam as experiências de marcas concretas do corpo, acreditamos que seja possível relacionar com o conceito de marcas subjetivas desenvolvido por Rolnik (1993), associando tais questões a construção dos corpos negros. Se pensarmos que a subjetividade é algo comum a todos os seres, quando construímos um corpo negro, estaríamos criando modos singulares de vida. No entanto, precisamos atentar que, mesmo a subjetividade apresentando esse aspecto comum, devido às marcas históricas, o corpo negro é constituído por uma subjetividade marcada. Sinalizar as marcas históricas e

produções de modos de vida singulares do corpo negro nos faz acreditar em toda potencia criativa que experimentamos diante dessas construções. A partir do exposto é possível pensar numa construção de modos de vida onde seja possível compor com essas marcas. Nesse sentido, de acordo com os apontamentos dos referidos autores, afirmar um corpo negro é dizer de uma marcação corporal que produz subjetividades distintas nas pessoas negras.

I.1 Marcações corporais: resistências e heterotopias

Próximos dessa discussão estão as discussões levantadas por Furlan e Silveira (2003) que discorrem sobre os conceitos de corpo e alma em Foucault. Os autores enfatizam a importância desses conceitos serem compreendidos a partir do seu caráter histórico. O corpo é atravessado por uma intensidade de forças que o marcam: “(...) é um elemento sobre o qual, inúmeras correlações de forças incidem e se dispõem, atravessando-o e exercendo sobre ele uma série de conformações, dentro de um jogo de dominações e submissões, difuso e disperso em toda a rede social.” (p.187). Historicamente, este corpo é produzido por uma série de relações de saberes/poderes que marcam essas construções subjetivas.

Nesse sentido, o corpo marcado historicamente é um corpo que apresenta uma característica dócil. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e manipulado.” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Diferente da escravidão que se apropria do corpo do outro, a docilidade existe num corpo que pode ser controlado; que tende a uma sujeição, à um controle em seus comportamentos, linguagem, movimentos e gestos; operam a partir de forças que constroem uma “docilidade-utilidade”, as chamadas “disciplinas”:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. (FOUCAULT, 2014, p. 135)

O corpo dócil, assim como a produção de subjetividade alienante, tenderiam a uma modelação do indivíduo, criando corpos sujeitados, subjetividades serializadas e ao mesmo tempo “disciplinarizadas”. Sendo assim, faz-se necessário atentar para as produções

subjetivas que atravessam duplamente o corpo negro: a dominação do corpo devido a escravidão e a questão disciplinar que acomete diversos grupos e corpos em nossa sociedade.

Entendendo que este corpo carrega uma marca histórica de exclusão e subjugação, localizar essa escrita nos permite refletir sobre as rupturas possíveis frente aos padrões hegemônicos, quando construímos um corpo negro. Essa ruptura se faz também a partir de uma escrita localizada, diferente dos modos universalistas dos discursos de um homem/branco/ocidental. Localizar a escrita nos permite conhecer outras versões sobre o que se diz deste corpo negro e sobre as singularidades que emergem no seu processo de constituição.

A escrita localizada, descrevendo as experiências desse corpo negro marcado, pode ser considerada uma prática de resistência frente a uma escrita predominantemente homogeneizada por um discurso pretensamente universal branco. A resistência, em nossos dias, se firmaria como uma ação política, quando, por exemplo, “insistimos nos encontros, fazendo circular as invenções microsociais de novas formas de vida que não se reverterem em regras universais obrigatórias.” (MANSANO, 2009, p. 114) A resistência, sendo uma ação política, pode ser construída com/em nossos corpos porque o corpo é político.

O sistema capitalista atua sobre e nos corpos, como forma de controle e desenvolvendo modos de produção de subjetividades que passam por uma “ordem tecnocientífica-empresarial” (SANTANNA, 2002, p. 102). Os corpos, assim, estão submetidos a processos complexos que extrapolam o domínio individual, mas que estão inseridos numa lógica capitalística, a qual perpassa os aspectos sociais e econômicos em que nos constituímos enquanto sociedade. Essa ordem tecnocientífica-empresarial, a nível individual, é percebida em processos que enaltecem os corpos, fabricando técnicas de manipulações corporais, através de tecnologias de transformação e retardo do envelhecimento, por exemplo. As resistências à essas visões padronizadas do corpo acontece, por exemplo, quando construímos formas de enfrentamentos contemporâneas, como no acontece com algumas danças.

Para Foucault (2013), o corpo é esse lugar resistência, pois apresenta esse aspecto fluido e de transformação: “(o corpo) está de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo”. (IDEM, p. 14). Ele existe de várias formas e ocupa diferentes lugares, incluindo um não lugar, construindo

existências outras. Prossegue afirmando que “posso não apenas mover-me e remover-me, como posso também *movê-lo, removê-lo*, mudá-lo de localização - apenas isto: não posso deslocar-me sem ele; não posso deixá-lo lá onde ele está para ir-me a outro lugar.” (IDEM, p. 7).

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. (IDEM, 2013, p. 12)

Assim como as construções corporais nos povos ameríndios, através das pinturas, máscaras e adornos, que constituem o corpo, para Foucault tais elementos o coloca ainda, nessa condição outra, de um outro lugar, num espaço em que ele consegue construir outras formas de estar no mundo. É assim que chegamos ao conceito de heterotopias. Foucault (idem) descreve que a mesma faz referência a esse lugar outro: “Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as *hetero-topias*, espaços absolutamente outros; (...)” (p. 21), com outras possibilidades de constituição, formas de se expressar, se movimentar e se (re)fazer. O corpo utópico é o corpo do não lugar; ou ainda, o corpo da resistência frente às práticas homogeneizantes.

Em que momentos experimentamos essa forma de contato com nossos corpos? Quando e como deixamo-nos ocupar esse não lugar? Que experiências singulares um corpo que dança produz a fim de dar vazão a processos criativos dessa ordem? Como a dança potencializaria o desenvolvimento desse corpo construído historicamente dócil? Um “outramento” é possível? Que formas de resistência temos a possibilidade de criar a partir dos encontros corporais?

I.2 Dança afro: resistências e Corpo Sem Órgãos (CsO)

A aula de dança afro estava com um clima diferente. Percebia as mulheres entregues e conectadas aos movimentos e, na mesma medida, procuravam executá-los com vontade e intenção como enfatizava a professora. Ela, por sua vez, estava inspirada no encontro desta noite. Em vários momentos pedia para que colocássemos o corpo a fim de intensificar os movimentos. Num determinado exercício, tínhamos que mostrar atitude ao caminhar. E enquanto realizávamos os movimentos, a professora falava em “chegar com atitude, de cabeça erguida, mostrar para o que veio”. [...] Ao final da oficina, refletimos juntos sobre o lugar que devemos ocupar em nossas atuações profissionais, a

partir dos trabalhos e movimentos que criamos na dança. A professora convidava-nos a buscar essa conexão entre os movimentos realizados nesta noite e uma postura em nossas vidas particulares. (dança afro, junho de 2016)

O pedido pronunciado pela professora, de colocar intenção ao movimento, é um convite a certa experimentação corporal. A repetição sistemática dos movimentos não acontecem para simplesmente decorá-los, como pode se supor; a repetição dos movimentos na dança afro, a mesma que causa exaustão logo de início no corpo da psicóloga aprendiz se mostra como uma possibilidade de criação onde o corpo, mesmo cansado, ainda possui ferramentas e meios para criar, para experimentar novas formas de atuar profissionalmente. Mais do que o esgotamento causado por conta dos movimentos novos que realizava, o que fica como questão das oficinas de dança, são essas possibilidades de incluir os movimentos que criávamos à situações que extrapolavam as paredes dos espaços onde praticávamos as oficinas, ou seja, quando experimentávamos os movimentos em nosso cotidiano.

O pedido da professora de movimentar o corpo e “mostrar ao que veio”, demonstrar atitude, de cabeça erguida, tem a ver ainda, com as marcas do corpo negro construído historicamente escravizado. Enquanto pronuncia tal afirmação, a psicóloga aprendiz percebe que, algumas pessoas olham para a professora com um ar de dúvida, como se questionassem, como tal fato seria possível. Como compor os movimentos da dança aos movimentos de atuação profissional? Como sair da zona de conforto instituída? Experimentar novos atributos do corpo, criar novas intervenções, movimentar o corpo, construir modos de vida?

Outro momento significativo no transcorrer da dança afro é quando a professora esbraveja durante algumas oficinas: *“Eu quero ver corpo!”*. Eu quero ver corpo? O corpo já estava ali, poderíamos pensar. Fracassamos na tentativa de buscar um sentido racional nas provocações da professora. Até que, com o tempo, com o passar das oficinas, é possível perceber que não era do corpo físico que ela falava. A professora queria ver o corpo dos afetos, das experimentações, do não lugar. Ela convoca o corpo intensivo: o Corpo Sem Órgãos (CsO).

Ele [o CsO] é não-desejo, mas também é desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto- o CsO- mas já se está sobre ele- arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que

dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 12)

Por ser prática, pode ser associado a uma ação, a um movimento; o CsO é antes de tudo uma busca por um corpo que se propõe a uma não organização que caracteriza o organismo. Ele não é uma negação à constituição orgânica, mas um questionamento ao domínio da organização do organismo como algo fixo e com certas funcionalidades. Uma busca, mas que não se pretende a uma chegada. O convite ao CsO é para experimentar um corpo fluido, aberto aos fluxos existentes. À possibilidades inventivas a partir das intensidades que emergem dele: “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades.” (DELEUZE. GUATTARI, 2012, p. 16). Ou ainda, “conexão de desejos, conjunto de fluxos, *continuum* de intensidades.” (IDEM, pág. 27)

Assim como a professora de dança nos convida a outras formas de estar em contato com esse corpo, Deleuze e Guattari (2012) insistem nessa produção de um corpo aberto aos fluxos e movimentos da vida. Este Corpo sem Órgãos não é algo a ser atingido; ele já faz parte de nossa existência. A novidade está em experimentar novos atributos de troca, conexão, entendimento e conversação. Abrir espaços para questionamentos: O que mais você (corpo) é capaz de fazer? Que conexões ainda se permitem? Quais desorganizações se propõem? Por que não andar com a barriga? Respirar com o pé, tocar com perna? Exercitar a possibilidade de sair de uma lógica racional e funcional, para a composição corporal criativa. Abertura à um corpo que é fluxo constante.

Esse corpo de processos múltiplos produz algo particular, que são esses modos singulares de vida, ou como Deleuze e Guattari (1996) afirmam, formam processos de singularização como já expomos. O que acontece nesse corpo está em evolução num constante movimento que produz singularidades; e quando não nos deixamos afetar por tal processo, acabamos por endurecer nossos corpos “individualizando-o”.

Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida. Passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam. Esvazia-se o caráter processual (para não dizer vital) de suas existências: pouco a pouco, eles vão se insensibilizando. A experiência deixa de funcionar como referência para a criação de modos de organização do cotidiano: interrompem-se os processos de singularização. É, portanto, num só movimento

que nascem os indivíduos e morrem os potenciais de singularização. (IDEM, 1996, p.38)

A individualização não se desenvolve em conjunto com a inventividade, uma vez que ela uniformiza condutas, práticas comportamentais e condições subjetivas. Os potenciais de singularização são essas possibilidades de construção de não-lugares; de outramentos; de possibilidades de passagens de fluxos; de práticas em CsO, ou seja, de modos singulares de vida. Estaria aí, um dos nossos maiores desafios: como construir corpos porosos em meio à massificação cultural e corporal em que nos encontramos? Abrir passagens de fluxos em corpos embebidos por padrões estéticos e com referenciais de beleza padronizado? Com certo “prazo de validade”, de formas limitadas de uso, entre tantos outros processos biopolíticos sobre o corpo?

Porém, apesar do corpo de fluido constante ser um dos nossos principais objetivos, não devemos estar com frequência nesse contínuo de fluxos e possibilidades, pois como afirma Resende (2008), mesmo quando damos passagem a esse corpo fluido é preciso uma certa prudência, para que não seja criado um CsO vazio. Devemos aprender a lidar com os impulsos e desejos a fim de criarmos um CsO com potência e possibilitar ao corpo essas conexões de modo contínuo, pois:

Com prudência podemos avançar nas experimentações de nós mesmos, mas sempre podendo retornar delas quando assim desejarmos. Da mesma forma que não devemos estar sempre condicionados ao organismo, não podemos estar sempre no corpo sem órgãos. É preciso que haja um corpo organizado para abrir o corpo às intensidades, a fim de que se possa transitar entre esses gradientes. (IDEM, 2008, p.73)

Essa prudência também é convocada quando falamos a respeito do corpo vibrátil. Este, segundo Suely Rolnik (2003), é entendido como um “exercício intensivo do sensível” (s/p) e encontra-se paralisado em relação às suas potências de criação. Por isso, a autora nos convida a um resgate a essa vibratibilidade do corpo: “É preciso resgatar a vibratibilidade do corpo, a receptividade aos efeitos do mundo na subjetividade.” (ROLNIK, 1999, s/p) a fim de possibilitar novas conexões. Esse pedido de resgate se faz pois acredita-se que em nosso atual momento do capitalismo contemporâneo, esse corpo encontra-se em estado de coma, como afirma Rolnik (IDEM); com suas potencialidades reduzidas devido a um paradoxo que coloca em lados opostos, forças de criação e de resistência. Esse corpo vibrátil aparece ainda enclausurado em determinadas condições psíquicas, controlando os movimentos, restringindo

as possibilidades de agir no mundo. Sendo facilmente capturado pelo sistema capitalista dominante. A dança, nesse sentido, como *locus* de criação potencializaria esse espaço de criação de um corpo intensivo, de uma prática de Corpo Sem Órgãos. E assim como acontece ao CsO, a disponibilidade para esse resgate da vibratibilidade do corpo é preciso prudência afim de “abrir o corpo” com cautela para as novas percepções e sensações.

O “Eu quero ver corpo!”, proferido pela professora de dança afro, pode ser entendido ainda como um chamado a compor relações. Como salienta Deleuze (1978), o que há é sempre composição de relações. Esse compor relações também pode ser percebido como estar aberto às possibilidades de afeto, ao contato com o outro. Quando dispomos o corpo ao contato com o mundo e colocamo-nos a transitar com os afetos surgidos, nesse momento, encontramos outras formas de criação. Para tanto, procuramos entender como esse corpo aumenta sua potência a partir da dança.

Acompanhava há alguns meses a oficina de corpo e dança no CRMM-CR. Participava do grupo enquanto profissional e pós-graduanda na temática de gênero e direitos humanos. A oficina começaria dentro de poucos instantes. Meu corpo que chegara tenso para esse espaço das oficinas, com o passar dos meses vai se permitindo afetar pelo espaço, pelas participantes, pelos outros corpos. As mulheres que estavam chegando para a atividade foram se acomodando, quando uma cena acontece provocando em mim uma série de reflexões. Uma das participantes, Maria, uma senhora de pouco mais de 60 anos, negra, baixa estatura e de andar limitado, num movimento simples, de certa leveza e gingado, deixa cair sua habitual saia de tom escuro evidenciando um short de lycra que torna visível uma junção de cores diversas. Impressiono-me com a cena ao refletir sobre a permissão que este trabalho com corpo possibilita às mulheres que frequentam o serviço e nas construções de novas formas de estar no mundo que algumas pessoas experimentam, em especial, mulheres negras, no ato de dançar. (centro de referência de mulheres, maio, 2014)

Que corpo é esse que em contato com outros corpos gera modos criativos de vida? (Re)cria, (re)produz e transforma movimentos cotidianos e que, por vezes podem ser lidos como corriqueiros, em gestos que encantam e produzem afetos? Como explicar e (re)significar tais afecções? Quais possíveis invenções? O quê, e como, este corpo está sendo nos encontros e bailes da vida? Na inusitada dança do cotidiano que nos marca, atravessa e segue construindo seus passos. A potência de vida também pode ser entendida como uma

potência de agir, uma ação para o movimento. Este referencial aparece em Spinoza (2015) como *affectio* e *affectus*, ou seja, afecção e afeto, respectivamente. Para o filósofo, a afecção está localizada num corpo e tem a ver com o estado do corpo afetado, e o afeto é transitivo, momento de ação, processo, movimento, passagem.

A cena da saia deslizando pelas pernas da idosa Maria possibilita afetos, pois nos coloca a pensar sobre o que um corpo é capaz de produzir e que movimentos de vida são possíveis criar quando nos permitimos dançar. É por meio do afeto que notamos ainda que, mesmo diante do contexto de violência que elas vivenciavam, devido ao território de conflito armado que residem, pelas situações de violência doméstica que enfrentavam, ainda assim, as participantes mantinham frequência regular nos cursos, oficinas e atendimentos oferecidos pelo serviço. O afeto as movimentava. Além do mais, a partir desta cena, é possível analisar os meios de intervir junto às mulheres que ousam experimentar seus corpos, atravessados por tantas situações de violências, por exemplo.

A psicóloga aprendiz, tanto nas oficinas de corpo e dança do CRMM, quando nos espaços da dança afro, ouve atenta as falas das participantes e professora. Ouve, pois sabe que este, para além de ser um recurso de sua atuação profissional, possibilita adentrar às experiências do outro. Ouvir permite que ela se questione a respeito de formas tradicionais de intervenção que construiu junto a profissão, faz com que reflita sobre as diversas teorias que vai encontrando ao longo de sua formação e, acima de tudo, possibilita reinvenções do corpo.

Cristina, em meio às oficinas de corpo e dança, discorre sobre que corpo e movimentos de vida acredita: a jovem compartilha certa vez que o corpo para ela existia em uma dimensão física e psicológica. Afirmava que havia um “corpo psicológico”, pois, segundo sua experiência, mesmo quando tinha vontade consciente em realizar determinadas tarefas, acabava por não ter disposição e o “corpo físico” não acompanhava a intenção da sua mente. A idosa Maria encanta as participantes e afeta minha relação com ela e na forma de atuar junto às oficinas de corpo e dança da Maré. A professora de dança, ao querer ver corpo, produz movimentações.

As cenas apresentadas, mesmo acontecendo em momentos distintos, tanto espacial quanto temporalmente, dizem dessa tentativa em atuarmos em conjunto. Poderíamos afirmar que seria ainda uma tentativa de aglutinar, juntar, não somente saberes diversos, mas buscar dentro do próprio domínio profissional, formas diversificadas de atuação. Os movimentos do

corpo na dança afro, que a professora cuidadosamente nos convoca para que possamos adentrar outros espaços, dialoga com a provocação de Cristina.

Ambas situações possibilitam a construção de movimentos corporais que estão conectados com nossas formas de atuar profissionalmente. A afirmação de Cristina nos permite um movimento em direção à saída de nossa zona de conforto. Assim como o chamamento da professora de dança afro. Notamos que quando a professora nos convida a esse movimento de saída, acreditamos que não seja simplesmente uma adaptação de situações e experiências que vivenciamos na dança afro, levadas de maneira irracional para espaços onde exercemos nossas atuações profissionais. O chamado é para um movimento de inovação, de exercício de novas práticas construindo movimentos criativos.

Chegar a hora da psicologia, é fazer uso da palavra verbalizada, mas também movimentar o corpo, palavra visualizada: uma mostra visual dos nossos afetos, das nossas experiências e de nossas marcas. O afeto, ação para movimento, que a idosa Maria movimenta na psicóloga aprendiz é um espaço de construção.

Os movimentos compõem quando deixamos nossos corpos porosos, abertos aos fluxos e movimentos criativos da vida. Quando saímos de praticas e determinados apegos conceituais e nos disponibilizamos à abertura ao novo. O chamado da professora de dança poderia ter se perdido em meio a tantas convocações que ela nos faz a cada oficina, a fala de Cristina poderia ser tido pronunciada sem que houvesse tido qualquer estranhamento, o corpo da idosa Maria, gingando e rebolando, poderia ter sido mais um movimento realizado. No entanto, tais situações não passaram despercebidas. O movimento do corpo nos afetou. Abriu possibilidades de construção de momentos de dúvida, de incertezas, fez-nos pensar e refletir sobre quais movimentações ainda nos deixamos afetar, que movimentos profissionais ainda nos tomam, que ações construímos com a vida.

Capítulo II. Dança e afetos: passos de uma psicóloga aprendiz.

E, por que não fazer da dança uma prática de experiência, que valorize a qualidade do que é vivido, na experimentação do dançar? Tendo em vista que a questão incide mais num modo de experimentar o corpo na dança, do que numa técnica de dança (...) (RESENDE, 2013, pág. 41)

II. 1 “Dançar é fluir na imanência”

Dança e movimento são desenvolvidos a partir de uma mesma perspectiva nesta escrita. Acreditamos que o ato de dançar e as ações do movimento se aproximam e dialogam, pois possibilitam produção de sentidos criativos. Mais do que desenvolver um referencial de dança ou defender uma perspectiva que discorra substancialmente sobre a noção de movimento, pretendemos compor com as ações que produzem afetos, provocam reflexões, fazem emergir fluxos criativos e potências de vida.

A dança aqui é vista como uma experiência corporal, portadora de um saber vivido, prático, experiencial, relacional. O movimento, nessa mesma perspectiva, é o que evidencia o sentido, porque ele mesmo é o sentido: “A dança não *exprime* portanto o sentido, ela é o sentido (porque é o movimento do sentido).” (GIL, 2001, p. 97)

De acordo com José Gil (2001), filósofo português que desenvolve a questão do movimento conectando ballet, filosofia, inicialmente temos de diferenciar a noção de gesto dançado para gesto comum: o primeiro não teria um fim próprio, “No movimento que o desdobra, retém-se, regressa sobre si e prolonga-se no gesto seguinte. Nesse sentido, não tem *contorno*, tem apenas um em-redor, esquivando-se aos seus próprios limites, espaço a si próprio.” (p. 108). Distinguir essas duas qualidades do movimento se dá por entendermos o processo criativo que a arte, e mais especificamente a dança, promove aos que se permitem movimentar o corpo.

II.2 Corpo dos afetos

Acreditamos ser possível ainda, aproximarmos a ideia de movimento ao conceito de afeto desenvolvido por Spinoza (2015). Para o filósofo, afeto tem a ver como uma ação para um movimento, uma vez que “Dançar é fluir na imanência.” (GIL, 2001, p. 55). Estar em movimentação e criação de novas possibilidades existências que não tem um fim, mas se mostra como um processo, um constante vagar.

“Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções.” (SPINOZA, 2015, p. 98). Movimento e afeto estão conectados na medida que são criações que se constroem no encontro com os outros corpos; se compõem por meio das trocas e através das relações que os constitui. De acordo com Spinoza (Idem), que desenvolve a noção de uma unicidade entre corpo e o que chamamos de mente, nossos corpos, em todas nossas relações, são afetados de algum modo por outros corpos, pelo meio em que estamos inseridos e pelos objetos que nos rodeiam.

[...] temos as ideias das afecções do corpo. Logo, o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, e o corpo (pela prop.11) existente em ato. Ademais, como não existe nada (pelo prop. 36 da P. 1) de que não se siga algum efeito, se, além do corpo, existisse ainda outro objeto da mente, deveria (pela prop. 12) necessariamente existir em nossa mente a ideia desse efeito. Ora (pelo ax. 5), não existe nenhuma ideia desse efeito. Logo, o objeto de nossa mente é o corpo existente, e nenhuma outra coisa. (IDEM, p. 61)

Corpo, mente, objeto, ideia do objeto, afeto e movimento; longe de serem contrapontos tais conceitos estão em consonância e dizem de um contínuo. Deleuze (2002), ao discutir os conceitos de Spinoza contribui com o tema ao afirmar que “o corpo é um modo de extensão; o espírito, um modo de pensamento. [...] Toda coisa é corpo e espírito simultaneamente, coisa e ideia.” (Idem, p.73) Com isso, o filósofo reafirma os pensamentos iniciais de Spinoza ao declarar que: “Não sentimos nem percebemos nenhuma outra coisa singular além dos corpos e do modo de pensar.” (Idem, p. 52)

De acordo com o referencial exposto, objeto e ideia do objeto apresentam as mesmas atribuições, no entanto, o mesmo não ocorre com os conceitos de afeto e afecção que se apresentam de modos distintos. A diferença entre esses dois conceitos seria a de que afecção se refere diretamente ao corpo e afeto corresponderia ao espírito. Ou ainda: “*affectio* remete a um estado do corpo afetado e implicaria presença do corpo afetante, ao passo que o *affectus* remete à transição de um estado ao outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes.” (Idem, p. 56)

Sendo assim, é possível afirmar que esse afeto tem a ver com uma perspectiva de movimento. O afeto não seria fixo, individualizado, como um corpo passivo que recebe uma força sem em nada se modificar, mero receptáculo. Este é entendido como algo que remete a um movimento que está em constante mudança e por isso, é marcado por uma transitoriedade,

pela modificação de um estado ou corpo ao outro, pois é variação de potência de agir. (Idem, 2002)

Esse afeto (*affectus*) se fez presente em alguns encontros vivenciados nos diversos espaços que circulei: seja no território da favela, através das relações construídas entre as participantes da oficina de corpo e dança ou a partir de bons encontros, no sentido espinosano, que colecionamos em nossas diversas experiências cotidianas. Os “encontros” remetem ao modo como os afetos são experienciados e apresentam duas variações: os bons, onde há o aumento da nossa potência de agir e os maus encontros, em que esta potência é diminuída ou refreada: “Quando um corpo “encontra” outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quando que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes.” (DELEUZE, 2002, p.25). A potência desses bons encontros é percebida quando “encontramos” pessoas, situações, objetos físicos ou naturais, que afetam nosso modo de existir, o que para Spinoza levaria a uma mudança em nosso modo de pensar e agir.

Os bons encontros são assim, aquelas ideias e corpos que propiciam as paixões alegres, que geram potência de vida, aumentam nossa capacidade de agir e compõem com nossa essência e natureza. Em contrapartida, os maus encontros são os que originam as chamadas paixões tristes e ocorrem quando “dizemos que nossa potência de agir é diminuída ou impedida, e que as paixões correspondentes são de *tristeza*.” (IDEM, 2002, p.33).

Dentre as diversas atividades que realizávamos na oficina de corpo e dança, no Centro de Referência de Mulheres, houve momentos em que identificamos que essa potência de agir foi diminuída, gerando o que Spinoza define como uma paixão triste. Quando, por exemplo, nos propúnhamos a realizar uma atividade com determinado objetivo e a mesma não produzia o efeito que pretendíamos, refreava ou até mesmo impedia movimentos e fluxos criativos.

II.3- Os corpos no Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa-CRMM-CR

A favela estava em sua aparente tranquilidade. As lojinhas próximas ao serviço funcionavam normalmente e uma música agitada embalava o início daquela tarde. No entanto, mesmo com as leituras, que as coordenadoras do serviço chamavam “pistas”, que construímos com o passar do tempo, não identificamos nada fora do normal. No início da tarde o fato se deu: um intenso tiroteio começa e diferente da postura

institucional que era de sair em momentos de conflito, não conseguimos nos organizar devido ao fato repentino. Permanecemos. Na oficina de corpo e dança havia poucas mulheres, mas ainda assim foi algo bastante difícil de lidar devido à rapidez que se tem para organizar as participantes, em sua grande maioria idosas, afim de se abaixarem o mais rápido possível, além de me preocupar com as estagiárias que conduziam as oficinas. De alguma forma me sentia responsável por aquele grupo. Em poucos minutos, os profissionais que estavam na parte inferior do prédio foram nos auxiliar. Algumas participantes decidiram ir embora quando sentiram que o conflito estava diminuindo. Nós permanecemos. Momentos depois, ouvimos o helicóptero da polícia sobrevoar as proximidades do prédio. Foi uma das sensações mais intensas que vivi por lá. Ficamos abaixados num corredor do serviço. Meu corpo e possivelmente minha expressão facial, estavam com pouca ação. Só não tive mais medo pois me sentia segura com as pessoas da equipe. Nesse mesmo dia algo inusitado aconteceu, que foi a entrada a pé da polícia civil na favela- comumente esta incursão é realizada pela polícia militar. Em poucos minutos haviam policiais com forte armamento circulando os espaços do nosso prédio, verificando se existia suspeitos por lá. Assim que foi possível fechamos o prédio e saímos. Passados pouco mais de meia hora do fato, a caminho de casa me pego chorando no transporte público, ainda impactada pelo o que aconteceu e pelo o que as pessoas que moram em territórios de conflito armado vivenciam em seu cotidiano. Nós saímos, elas permanecem. (centro de referência de mulheres, julho de 2014)

O início de ocupação na favela da Maré, por parte dos futuros moradores acontece em meados da década de 1940, tendo uma forte presença de migrantes nordestinos. Pouco tempo depois, ocorre um novo aumento, com a construção da Avenida Brasil. Por volta da década de 1960, com o processo de remoção de algumas favelas no Rio de Janeiro, como por exemplo, o incêndio, que se diz criminoso, o qual atingiu a favela do Pinto, localizada no bairro nobre do Leblon, faz com que o número de pessoas a residir naquele território aumente significativamente. Atualmente, de acordo com dados do Censo Maré, divulgado pela instituição da sociedade civil Redes da Maré, o Complexo comporta 40 mil domicílios. (SOUZA, 2015) No entanto,

Apesar do crescimento e da mudança no modelo das casas (antes de palafitas suspensas no manguezal, hoje possuindo conjuntos habitacionais projetados e casas de alvenaria), permanece uma alta

densidade populacional e a baixa renda dos moradores (cerca de 2,5 salários mínimos). (IDEM, 2015, s/p)

O Centro de Referência de Mulheres da Maré foi implementado no ano de 2000 na Vila do João, um dos 16 micro-bairros da Maré, por meio de uma parceria entre a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) e a organização não-governamental CEPIA-Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação. Pouco tempo depois, em 2004, o serviço passa a ser administrado pela UFRJ que, desde então, desenvolve projetos a partir de 3 linhas de atuação: atendimento individual interdisciplinar, oficinas sócio-culturais e a capacitação de estudantes de graduação e pós-graduação da UFRJ⁸.

Com presença intensa do tráfico varejista de drogas, falta de investimentos por parte dos serviços públicos e incursões constantes do Estado através do aparato policial, que a cada dia, faz crescer o número de vítimas, poucos são os profissionais que aceitam atuar no referido serviço. Há uma rotatividade grande de profissionais e estudantes o que, por si só, seria um analisador. No entanto, a pequena quantidade de profissionais evidencia, a nosso ver, entre outros aspectos, a falta de interesse, por parte dos governantes, em fomentarem políticas públicas que discutam Direitos Humanos e as violências de gênero.

A violência doméstica, uma das formas variantes de violência que acometem as mulheres no Brasil, ganha notoriedade a partir da promulgação da Lei 11.340/2006⁹, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, porém, o tema percorria, há tempos, os movimentos sociais e principalmente, o movimento de mulheres brasileiro. Responsabilizado em 2001 pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, por omissão, negligência e tolerância em relação à violência doméstica sofrida pela biofarmacêutica Maria da Penha Maia Fernandes por seu marido, o Brasil assina a Lei, o que se configurou como um avanço em termos de políticas públicas. Estamos cientes de toda a discussão envolvendo a judicialização da vida e a constituição de um estado penal. Porém, muitas vezes, ter a possibilidade de, responsabilizar os agressores ou recorrer às medidas protetivas de urgência, é o que mantém a vida de algumas mulheres, sendo necessário analisar tais especificações da importância da Lei.

⁸ Disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/crmm/historico.html> Acesso: 12/09/17.

⁹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm Acesso: 13/09/17.

Desde sua criação em 2003, a Secretaria Especial de Política para Mulheres (SEPM)¹⁰ da Presidência da República vem atuando na implementação de políticas públicas que visem o fim da violência contra as mulheres. No entanto, é em 2011, a partir de uma atuação articulada, que a Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher passa a desenvolver ações nas mais diversas instâncias (municipais, estaduais e federais), com o apoio de distintos atores (sociedade civil organizada, organizações não-governamentais, universidades), a fim de promover um atendimento integral às mulheres que vivenciam alguma situação de violência. (BRASIL, 2011)

O conceito de rede de enfrentamento à violência contra as mulheres diz respeito à atuação articulada entre as instituições/serviços governamentais, não-governamentais e a comunidade, visando ao desenvolvimento de estratégias efetivas de prevenção e de políticas que garantam o empoderamento e construção da autonomia das mulheres, os seus direitos humanos, a responsabilização dos agressores e a assistência qualificada às mulheres em situação de violência. Portanto, a rede de enfrentamento tem por objetivos efetivar os quatro eixos previstos na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres - combate, prevenção, assistência e garantia de direitos - e dar conta da complexidade do fenômeno da violência contra as mulheres. (IDEM, 2011, p. 13)

O conjunto de ações e serviços que englobam setores da saúde, assistência social, segurança pública e justiça constituem a Rede de Atendimento à violência contra as mulheres. Atualmente, em todo Estado do Rio de Janeiro, contamos com uma Rede Especializada de Atendimento à Mulheres composta por 37 Centros de Referências e Núcleos Especializados, que atendem mulheres em situação de violência, 12 Deams, (Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher) e apenas 3 Casas-Abrigo¹¹ (local onde são encaminhadas mulheres e seus filhos em risco eminente de morte). Em vista da quantidade de mulheres que diariamente sofrem com a violência doméstica, familiar e de gênero, o número de equipamentos é visivelmente debilitado¹².

A importância da atuação do CRMM-CR, além de ser parte integrante da Rede de Atendimento à mulheres em situação de violência e estar localizado dentro do território de

¹⁰Antiga Secretaria de Política para Mulheres (SPM/PR)

¹¹ As Casas-Abrigo e Deams existem desde 2003. No entanto, em 2011, com a implementação da Rede de Enfrentamento, esses serviços passam a fazer parte da Rede de Atendimento à Violência contra as Mulheres. Dados disponíveis em: <http://www.cedim.rj.gov.br/servicos.asp> Acesso em 12/09/17

¹² De acordo com a pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, a cada dia, 12 mil mulheres são acometidas por algum tipo de violência de gênero. Entre as principais vítimas estão as mulheres negras e pardas. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf> Acesso em: 02/10/2017.

favela, entre outras questões, é significativa devido à sua política de formação e capacitação de profissionais (graduandos, graduados e técnicos administrativos) qualificados a desenvolverem trabalhos e projetos na referida temática.

Estar num território de favela, num dos maiores complexos que compõem a zona norte carioca, foi desafiador a partir do momento que disponibilizei meu corpo para estar naquele local que me era desconhecido. Nossos corpos, enquanto profissionais do equipamento vinculado à UFRJ tinham limitações: não somente no que dizia respeito aos atendimentos realizados e as especificidades daquele território, mas também no que se relacionava à circulação na favela. As recomendações, por parte da coordenação do serviço, eram para que entrássemos e saíssemos somente no carro institucional com adesivo da universidade, a fim de sermos identificadas visualmente enquanto prestadores de serviço público; além disso, a intenção era de agilizar nossa saída, quando em possíveis confrontos por parte da polícia e do tráfico local, como aconteceu na cena relatada. Tal questão foi motivo de várias discussões da equipe com as coordenações e entre as participantes do serviço.

Nossos corpos, enquanto profissionais, eram limitados a ocupar, durante o expediente de trabalho, determinada área próxima ao local onde a instituição era localizada. Isso nos marcava. Tanto em relação às participantes do serviço quanto em relação às outras equipes que atuavam nas proximidades do nosso prédio institucional. O discurso que circulava era que nós, profissionais e técnicos (as) da universidade, não aguentávamos a rotina da favela e, diante de “*qualquer tirinho*”, fechávamos as portas do serviço, o que de fato acontecia, pois tínhamos essa possibilidade.

Não falar sobre a rotina estressante de trabalhar em territórios de conflito armado pode ser uma estratégia por parte de determinadas coordenações de alguns serviços públicos. Não era a dinâmica da nossa equipe. Realizávamos semanalmente reuniões a fim de discutirmos e avaliarmos, não somente os acontecimentos da semana, bem como a vontade do profissional em estar na Maré em determinados dias. E assim, em momentos específicos, quem não se sentia em condições de cumprir horário de trabalho na favela tinha a oportunidade de ficar no prédio institucional do NEPP-DH na zona sul do RJ.

O fato de não falar sobre a rotina talvez aconteça para que os profissionais construam corpos resistentes diante dos cotidianos tiroteios. Talvez para que as pessoas que vivem nas favelas não se sintam abandonadas diante dos equipamentos públicos. Porém, o que poucas

vezes se discute é o adoecimento que tal rotina gera nas pessoas que trabalham nestes territórios. A escassez na prestação de serviços públicos de qualidade nas favelas, por parte do Estado, pode ser um sinalizador da forma como os profissionais que trabalham nesses locais se sentem em relação aos seus usuários: uma conflitante sensação que percorre a vontade de sair e, ao mesmo tempo, permanecer nos serviços. Como se, apesar de toda dificuldade, os (profissionais) permanecessem naquele espaço, sem analisar o fator adoecimento que faz parte desta dinâmica.

Com as participantes das atividades que oferecíamos, o discurso não era diferente. Quando precisávamos fechar repentinamente o prédio, nos esforçávamos ao máximo para informá-las. Mesmo assim, no encontro seguinte com a equipe, após situações como essas, era sempre um momento delas exporem como percebiam nossa relação e inserção naquele espaço, mesmo que as queixas fossem pequenas. Algumas diziam que entendiam o posicionamento institucional e que fariam o mesmo se tivessem essa chance, outras se mostravam insatisfeitas e diziam que brevemente o serviço poderia fechar em definitivo tendo em vista esses fechamentos repentinos. Ouvíamos, acolhíamos e discutíamos todas essas questões. As vozes eram ouvidas, tanto as nossas quanto das participantes.

Os corpos das profissionais (e especialistas?), em sua grande maioria, brancos e domiciliados, fora do território da favela, carregavam outras marcas. A forma extremamente respeitosa com que todas as participantes nos tratava, devido inclusive a certa posição hierárquica que ocupávamos, era uma dessas marcas, diferente, por exemplo, do que ouvíamos da relação delas com as profissionais do posto de saúde que ficava no prédio ao lado. Muita dessa relação pode ter a ver com a questão de que algumas das profissionais que trabalhavam no Posto de Saúde também fossem moradoras da favela. Ainda assim, havia um esforço da nossa equipe em construir um espaço de diálogo com as participantes das atividades que o serviço oferecia. Mostrávamos, o quanto elas tinham voz: não somente para falarem o que as desagradavam em nosso serviço, mas também em qualquer equipamento onde fossem atendidas.

Nossos corpos eram marcados; seja pela nossa pouca mobilidade no território, seja por conta dos corpos especialistas psicólogas-advogadas-assistentes sociais que ocupávamos, seja ainda pelas cores (diferentes raças e etnias) que nos tonalizavam.

O desafio (das participantes e nosso, enquanto profissionais) estava em construir um corpo que, mesmo diante de tantas durezas e enrijecimentos, fosse capaz de se abrir a novas experiências que poderiam surgir naquele território. Ou seria melhor dizer que construíamos uma resistência corporal? Resistência corporal nossa, devido às limitações que tínhamos em alguns atendimentos, entre outras questões, como a impossibilidade em acionar os equipamentos de segurança pública diante de situações graves de violência. Resistência corporal nossa e das mulheres para lidarmos com os tiroteios inesperados. Resistência corporal delas diante dos entraves vivenciados naquela rotina estressante e muitas vezes despotencializante, ao conviver num território de intenso conflito armado, situações de pobreza e falta de investimento público, entre outras faltas. Mas os questionamentos dançavam em minha mente aprendiz: Como construir um corpo resistente? Construir com corpo é resistir? Construir o corpo é uma forma de resistência?

Paralisação, receio, medo: sensações que limitam e modificam nossa forma de contato com o mundo, bloqueando determinadas experiências. O afeto deste momento vivenciado, tanto por mim, quanto pelas outras pessoas que estavam nessa mesma sintonia de paralisação e espanto. Além de Divina que se recusara a sentar naquele momento, uma estagiária que acompanhava a oficina, moradora da favela, também leva um tempo para abaixar-se. A psicóloga aprendiz sentia-se responsável por aquele grupo de mulheres e certamente não era por conta da idade que possuía, já que tanto a estagiária quanto as participantes eram mais velhas que ela. A responsabilidade talvez pudesse ter a ver com esse afeto que transitava entre nós, o vínculo que construíamos a cada encontro semanal, que me trazia algumas certezas profissionais num momento e noutro fazia questionar se daria conta de permanecer naquele serviço. Os afetos eram muitos e nossos encontros produziam paixões- alegres e tristes- a todo instante.

Sentia-me responsável por nutrir e manter o afeto que construíamos. Não poderia abandonar àquelas mulheres. Talvez, por pensar que elas são atravessadas por outras situações de abandono: diante das situações de violência doméstica que elas relatavam sofrer ou pelo Estado que pouco se fazia presente para elas. O abandono acontecia também, quando algumas rompiam as barreiras da vergonha e humilhação, decidiam por denunciar as violências sofridas e encontravam profissionais nas delegacias pouco capacitados para lidarem com a temática, muitas vezes responsabilizando-as pelas agressões. Abandonadas e violentadas mais uma vez. A violência institucional também se fazia presente.

Após o episódio do tiroteio, passamos algumas semanas conversando com as participantes sobre os protocolos que construímos para lidar com situações como o fato ocorrido. Notávamos que, algumas delas, por vivenciarem tal fato com um pouco mais de frequência, lidava de outra forma em episódios como este. Não percebíamos uma naturalização da violência, elas apenas, apresentavam um modo diferente em suportar os recorrentes tiroteios. Por conta da especificidade do tiroteio em questão, levamos um tempo acordando e discutindo as particularidades que nos atravessava, já que éramos uma instituição de ensino prestando um serviço público junto a favela.

“Um corpo é afetado de muitas maneiras.” (SPINOZA, 2015, p. 52) O corpo afeta e pode ser afetado das mais variadas formas e por diferentes objetos, corpos e situações. E à medida que aumenta essa capacidade de ser afetado, tanto mais se expande sua possibilidade de agir, bem como sua forma de pensar. A postura adquirida, no referido dia diante do inesperado tiroteio, dos corpos hesitantes em abaixar-se, da conversa intensa antes da oficina, dos relatos de abusos que as participantes estavam vivenciando, foi de uma paralisação momentânea. Pode-se dizer que experimentamos de modo coletivo essa paixão triste. Porém, em seguida, ao termos a oportunidade de discutirmos com as participantes exaustivamente sobre o fato, acreditamos que outras paixões surgiram.

As mulheres se mostravam abertas a ouvir. Algumas aproveitavam o momento para falar também. Contar como se sentiam em relação aos tiroteios. E, muitas vezes, a conversa se expandia e elas confessavam a forma invisível como se sentiam, sem voz diante das várias violências que elas sofriam quase que, diariamente.

Durante as oficinas o discurso era o mesmo. As participantes faziam uso daquele espaço como local de elaboração de suas vivências, renovando projetos de vida, resgatando o laço coletivo, identificando-se com as vizinhas ou até mesmo, buscando uma forma de se diferenciar, devido as distintas realidades econômicas que elas possuíam em suas vidas particulares, ou à forma como cada uma delas lidava com suas questões e experiências pessoais.

Iniciamos as atividades da oficina de corpo e dança pouco depois das 09h30. Repassávamos alguns informes às participantes presentes, uma vez que, no referido mês estava acontecendo alguns eventos gratuitos na cidade. O compartilhamento desses eventos era uma forma das mulheres estarem ampliando seus interesses pela

dança e pelas artes de uma forma geral, para além das atividades que realizávamos naquele espaço do Centro de Referência de Mulheres. Direciono-me à Alzira. Ela, que nos últimos encontros vinha comentando sobre sua vontade em participar dos atendimentos individuais que o serviço dispõe, ouve o convite e diz que talvez não tenha disponibilidade para ir ao passeio pois estava aguardando uma resposta de oferta de emprego. Comenta ainda sobre suas responsabilidades nos cuidados com a mãe e por não ter tido tempo de cuidar da sua vida. Compartilha com o grupo num tom de lamento: “Deixei minha vida passar e fiquei olhando pela janela”. Pergunto o que ela viu dessa janela, que tipo de paisagem, se teve algo de belo e ela responde somente que não. Fala, uma vez mais, das responsabilidades com a mãe, suas questões de saúde e os problemas de locomoção da idosa. Numa tentativa de dar uma resposta ao que ela divide com o grupo pontuo que, muitas vezes, não temos o controle das coisas que acontecem em nossa vida e fazemos somente aquilo que é possível, no momento. As outras participantes parecem se sensibilizar também com que Alzira traz e pronunciam palavras de conforto. Divina inclusive repete uma fala que já havia comentado em outros momentos. Diz que depressão com ela não “pega”, mas que algumas pessoas precisam de certo tipo de ajuda profissional. (centro de referência de mulheres, setembro de 2014)

Alzira é uma mulher negra aparentando ter pouco mais de 40 anos de idade. As pessoas que trabalhavam há mais tempo no CRMM-CR comentavam que, aquele ano de 2014, era o primeiro dela junto às atividades. O serviço atua há mais de 10 anos na Maré e algumas mulheres acabam participando de forma não contínua das atividades. Outras já estavam no serviço quase o mesmo tempo em que ele se fixa na favela. Havia ainda, aquelas que, mesmo não freqüentando mais o Centro de Referência conhecíamos pela importância que tiveram junto às atividades realizadas na promoção de uma vida de não violência às mulheres daquela localidade. Alzira chegara para as atividades em 2014 e participou ativamente, não somente da oficina de corpo e dança, mas também da oficina de bordado, além de freqüentar boa parte dos eventos comemorativos e passeios externos que realizávamos.

Recordo do primeiro dia em que ela esteve na oficina de corpo e dança. Inicialmente sinto uma aproximação com ela por conta de ter o mesmo nome de minha madrinha. Para mim que estava iniciando o acompanhamento daquele grupo foi um movimento estratégico por trazer certa familiaridade para aquele novo momento. Neste mesmo encontro ela

compartilha que está naquele espaço de dança porque tem depressão. Seguindo o *script* do que me foi ensinado, ouço esse diagnóstico e imediatamente penso que, aquela participante precisaria de uma atenção minha. Pobre psicóloga... o diagnóstico, posteriormente, só serviu para constatar as capacidades de criação daquele corpo que, mesmo possivelmente adoentado, demonstrava um desejo de expansão.

Corpo e mente experimentam de forma semelhante um mesmo evento, uma vez que, como já posto, são uma mesma unidade. Construir possibilidades inventivas no corpo é, ao mesmo tempo, ampliar as conexões da mente. Por isso Alzira, mesmo tendo o diagnóstico de depressão, se coloca a exercitar o corpo. Acreditamos que tal movimento seja uma maneira de estender as trocas consigo mesma e com os outros corpos possibilitando processos de singularização, de expansão em sua forma de se relacionar:

É pelo corpo que entramos em contato com a realidade exterior, ou seja, com os demais corpos com os quais interagimos. A mente, entendida como ideia do corpo, não é um mero reflexo dele, mas o pensamento do corpo e de sua inteligibilidade, bem como a de outros corpos. (PEIXOTO JR, 2009, p. 372)

O corpo em Deleuze (1978) é definido pelas relações que o compõem: “E enquanto vocês não souberem qual é o poder de ser afetado de um corpo, enquanto vocês o aprenderem assim, ao acaso dos encontros, vocês não estarão de posse da vida sábia, não estarão de posse da sabedoria.” (IDEM, 1978, s/p) Aqueles corpos afetavam e movimentavam o corpo da psicóloga aprendiz. Pensava em como não deixar algumas colocações que elas faziam sem respostas, mas, no entanto, com o passar das oficinas fui aprendendo outras maneiras de intervir: a ouvir seus corpos, sentir o que eles queriam, que tipo de movimentos os despertava ou silenciava. Notávamos a construção de possibilidades de afecções daqueles corpos e quanto mais situações o corpo era afetado, maior a criação inventiva se construía.

Spinoza (2015), um aliado nessa discussão, contribuiu a medida que acreditamos que seus pensamentos dialogam com as experiências que vivenciamos em nosso cotidiano profissional e pessoal: procuramos aumentar ou preservar nossa potência de agir e portanto, mantermos nossas paixões alegres. A partir dessas análises, consideramos os modos como os corpos que dançam produzem afetos. Ou ainda, de que forma a dança potencializa ou aumenta essa capacidade de produzir modos de existir singulares. As ações do movimento. Os processos de singularização originados a partir do corpo que dança.

Por vezes Alzira dizia nas oficinas sobre um desejo em frequentar os espaços de atendimentos individuais que o serviço dispunha. E durante algum tempo até a incentivávamos a fazer contato com os outros profissionais. Porém, como ela, apesar da queixa não fazia o movimento para esse tipo de atendimento, nós, profissionais que acompanhávamos a oficina de corpo e dança, passamos a desenvolver atividades onde ela e as outras participantes pudessem expressar seus sentimentos, sensações e expectativas de vida através do corpo. Construímos, por meio de nossa prática relacional e dos afetos movimentados em coletivo, modos de potencializar nossos corpos.

Se, num primeiro momento, o corpo de Alzira possa ter sido visto como lugar portador de um diagnóstico, uma doença, no transcorrer das atividades, foi se mostrando expansivo e criativo. A sensação de medo diante da vida que compartilha, pode-se dizer que, ganhava outros contornos, a medida que ela se permitia experimentar outras possibilidades de uso desse corpo. Aos poucos, Alzira verbaliza ao grupo (e quiçá, para si mesma) os desejos que tinha em relação à vida.

Após realizarmos o momento inicial da oficina onde fizemos uma presentificação corporal atentando para a respiração e as partes que compõem nossos corpos, a facilitadora pediu que desenhássemos numa folha de papel, a forma como imaginávamos que nosso corpo continha. Havia folhas de papel ofício, canetinhas e lápis de cor, o que nos possibilitou ficar um bom tempo produzindo o material e conversando sobre a forma como víamos nossos corpos. As participantes falavam sobre o tempo que não entravam em contato com tais materiais. Angélica comenta que só teve acesso na época da escola. Chegou o momento de apresentarmos ao grupo nossas produções: Divina fez uma bonequinha de barriga de fora e disse que ela estava pelada; Dona Angélica faz uma boneca com poucas curvas a partir do uso de lápis pouco marcado, onde quase não conseguíamos ver seu desenho; Alzira faz a figura de uma pessoa em formato quadrado-“Já que é pra me imaginar, esse é meu desenho, gordo não tem curva”. Em seguida, a facilitadora solicita que preenchamos os desenhos com palavras ou figuras de coisas e situações que queríamos para nossas vidas. A intenção da proposta era de construirmos os desejos que queríamos para a vida, tendo o corpo como possibilidade para tal conquista. Divina preenche sua boneca com as palavras-“harmonia, sossego, paz e vida”, Dona Angélica faz somente alguns

riscos e adiciona cabelo à sua boneca. No desenho de Alzira havia palavras como “liberte-se, perdoa-se, ame-se”. (centro de referência de mulheres, setembro de 2014)

Na semana seguinte,

A facilitadora, com a intenção de dar continuidade ao material que produzimos na semana anterior, pede para que voltemos à atividade da oficina passada onde havíamos escrito palavras que continham nossos desejos diante da vida. Depois de termos escolhido uma palavra dentre as escritas, deveríamos realizar um movimento com ela sem, no entanto, dizer ao grupo qual palavra foi a escolhida. A primeira participante a apresentar o movimento foi Alzira: ela se deita ao chão encolhida, como numa posição fetal e aos poucos vai levantando, expandindo o corpo, se tocando até ficar de pé abraçando a si mesma - sua palavra foi “amar-se”. Divina realiza um movimento singelo: abre os braços em forma de coração e embala-se com os braços na frente do peito por alguns segundos- sua palavra foi “amor”. Patrícia e Elza, que não estavam na semana anterior, escolheram movimentos que faziam referência ao caminhar. (centro de referência de mulheres, setembro de 2014)

O corpo negro de Alzira, abrindo mão de algumas escolhas pessoais, por conta do compromisso para com a mãe, é o mesmo que se faz presente nas oficinas. No decorrer das atividades, fomos percebendo uma participante ousada, fazendo movimentos sensuais em determinadas atividades. Mostrando-se vaidosa com uso de colares e brincos de tamanho variados, pronunciando o quanto desejava que o “amar-se” fizesse parte de sua rotina de vida. Para além dessas transformações visuais, notávamos o quanto ela se entregava às atividades, movimentando e ressignificando algumas de suas escolhas a partir de uma experimentação corporal.

Percebemos que o afeto presente nesse espaço da oficina movimenta-a e reverbera também para suas outras relações: tal fato se mostra quando, por exemplo, ela passa a trazer sua mãe (Dona Angélica) para as oficinas; como se o espaço de cuidado que construíamos com ela pudesse ser estendido à sua genitora. Se num primeiro momento, ela se vê negando a participação em algumas atividades para ter que cuidar da mãe, a partir de determinado momento, ela divide conosco essa tarefa, mesmo por algumas horas durante a semana. Notávamos, no decorrer das atividades, o quanto Alzira e Dona Angélica interagem com as outras mulheres e como participavam ativamente do que programávamos. Parecia que os

corpos, ali no espaço das oficinas, em contato com outras formas de se movimentar, expandia-se e (re)inventavam suas relações.

Os vínculos e cuidado construídos entre as participantes ficavam evidentes quando elas compartilhavam de situações que acreditavam ser do interesse da equipe. Quando contavam sobre os eventos do final de semana ou traziam informações que consideravam importantes para a equipe. Foi assim que tivemos notícias de Ana Beatriz, uma senhora que freqüentava o CRMM-CR em 2013.

Divina foi a primeira participante a chegar para a oficina de hoje. Assim que me vê, diz que esteve na casa de Ana Beatriz, uma participante das oficinas de leitura que freqüentou o CRMM-CR no ano de 2013. Ela diz que Ana estava mal. Falou que o marido dela não permitiu que Divina visse a companheira de oficina, e que somente se pôs a lhe informar que a esposa não saia de casa há algumas semanas. Disse ainda que Ana faz poucas atividades ao dia, ficando boa parte do tempo deitada, com necessidade de ajuda até para ir ao banheiro. (centro de referência de mulheres, junho de 2014)

Diante da informação sobre uma participante das atividades do serviço, a psicóloga aprendiz leva o fato à equipe que, tendo ciência do histórico de depressão de Ana Beatriz, começa a se organizar a fim de entender um pouco mais sobre o que estava acontecendo. Estranhamos o fato do companheiro não permitir que Divina visse a amiga: pensávamos que poderia se tratar de algum indício de cárcere ou violência doméstica. Tal informação era relevante, pois como o serviço atuava junto às mulheres que passavam por essas situações, seria uma forma mais imediata de atuarmos em conjunto com a Rede de Atendimento às mulheres. No entanto, como havia muito tempo que não tínhamos contato com Ana Beatriz, decidimos por acionar a Equipe de Saúde da Família¹³ que atuava no território onde a participante morava. Levamos algumas semanas, dialogando e construindo estratégias de intervenção junto ao Posto de Saúde e decidimos acompanhar a equipe de saúde da família numa visita domiciliar.

¹³ A Estratégia de Saúde da Família (ESF) é composta por equipe multiprofissional que possui, no mínimo, médico generalista ou especialista em saúde da família ou médico de família e comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em saúde da família, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde (ACS). Cada equipe de Saúde da Família deve ser responsável por, no máximo, 4.000 pessoas de uma determinada área, que passam a ter corresponsabilidade no cuidado com a saúde. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2011). Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/smp_como_funciona.php?conteudo=esf Acesso em: 02/10/2017.

Participar de uma atividade como esta foi significativo por algumas razões: o primeiro aspecto a se destacar é o fato das movimentações provocadas na equipe do Centro de Referência de Mulheres (CRMM-CR). Diante da situação posta, houve a necessidade de realizarmos algumas reuniões entre os profissionais de nossa própria equipe a fim de construirmos um encaminhamento eficiente para o caso, juntávamos as informações que os profissionais tinham a respeito da participante a fim de construirmos um encaminhamento eficiente para o caso; além disso, tivemos a chance de nos aproximarmos das pessoas que trabalhavam no Posto de Saúde, que, apesar da proximidade geográfica (os prédios ocupavam o mesmo terreno) poucos eram os momentos de troca e diálogo.

Outro aspecto relevante foi o fato de circularmos pela Maré. Havia uma expectativa da nossa equipe em relação a essa circulação já que existia certa restrição no que diz respeito a aquele tipo de movimentação, possuíamos um protocolo. Apesar do trajeto ter sido feito no carro institucional, mesmo diante da pouca distância do prédio até a casa de Ana Beatriz, sentíamos que, de certa forma, estávamos avançando em discussões que eram muito caras à nossa equipe e que dialogavam com os vínculos e afetos que construíamos com aquele território. Além disso, a partir do fato ocorrido, ficou evidente a postura das equipes dos dois serviços, que demonstravam interesse e cuidado para com a participante.

A equipe possuía poucas informações sobre Ana Beatriz. Sabíamos que ela tinha um companheiro com o qual mantinha uma relação meio conflituosa, com algumas brigas e separações, como ela já havia compartilhado certa vez com alguns profissionais. Existia um filho maior de idade que se mostrava distante física e afetivamente do casal, mas que eventualmente deixava o neto, uma criança de aproximadamente 9 anos de idade passar algumas horas durante a semana na casa dos avós. Ana Beatriz participou de poucas oficinas de leitura devido à depressão diagnosticada e tratada farmacologicamente há alguns anos. Apesar do corpo negro robusto, sua aparência e expressão eram, constantemente, de tristeza. Chorava algumas vezes durante as oficinas e com o passar do tempo deixou de frequentar as atividades do CRMM-CR. A equipe ligou durante um tempo querendo saber notícias suas e quando conseguíamos falar com ela, Ana somente ratificava o quanto estava doente e sem ânimo para sair de casa. Até que aquele 2013 acabou e perdemos o contato com ela, só obtendo informações quando Divina conta sobre a visita no ano seguinte.

Uma vez na casa de Ana Beatriz, de cômodos simples e organizada, somos recebidos pelo companheiro dela que, gentilmente explica como tem sido a rotina desde que ela entrou

nessa crise depressiva de um modo mais severo. Em poucos minutos, eu, a enfermeira e uma agente de saúde do Posto, somos levadas até o quarto do casal, onde encontramos Ana Beatriz deitada e com um aspecto bastante adoentado. Ela reconhece imediatamente a psicóloga aprendiz, chamando-a de “Tia da Leitura” e começa a chorar dizendo o quanto sentia falta de freqüentar o CRMM-CR e das pessoas que trabalhavam lá.

Após essa visita domiciliar, trocamos algumas informações com a equipe do Posto de Saúde, mas com o passar do tempo e a proximidade do término da Residência Multidisciplinar e o conseqüente desligamento de parte da equipe técnica, acabamos por não ter mais notícias da participante.

II.4 Afetos de uma psicóloga aprendiz e seus atravessamentos

A diversidade de atividades que desenvolvíamos nas oficinas de corpo e dança possibilitavam essa dinâmica criativa e de cuidado entre as participantes. Por entendermos o corpo em seu aspecto global os recursos utilizados eram os mais diversos. Programávamos desde filmes que tinham a ver com alguma discussão que estávamos trabalhando até a utilização de materiais de pintura como tintas guache, lápis de cor ou ainda pedaços de tecido. Fotografias, imagens do esqueleto e da composição do corpo humano também eram apresentados, além de potencializarmos outras formas de contato de afetação dos corpos, como por exemplo, quando utilizávamos a sonoridade a partir de diversos estilos musicais: forró, funk, música instrumental, pop rock nacional, entre outros.

Outro recurso que utilizávamos com freqüência era solicitar que as participantes trouxessem objetos de casa que remetiam à infância ou algum momento significativo do passado delas, a fim de trabalharmos memória e a atualização dessas lembranças no momento presente. Aliávamos tal pedido com desenvolvimento dos movimentos corporais. E assim, buscávamos construir novos sentidos para as memórias com/no corpo. Em algumas ocasiões, as participantes se mostravam surpresas, pois, como havia uma diversidade nos recursos que utilizávamos, algumas não entendiam o trabalho que realizávamos como uma oficina de dança em seu *stricto sensu*. Para a equipe isso não era uma questão, uma vez que nos prendíamos aos efeitos do movimento do corpo, mais do ao uso de uma técnica corporal. Mas sempre que surgia o interesse por parte das mulheres em questionar nossas atividades, aproveitávamos o momento para ampliarmos nosso entendimento sobre os variados usos dos corpos.

O afeto movimentado nesse espaço atravessou o corpo da psicóloga aprendiz. E assim, com o passar do tempo, ela sente necessidade em estar mais próxima do que as facilitadoras programavam para as aulas. Buscava uma forma de contribuir com o trabalho que elas desenvolviam. Ao mesmo tempo procurava encontrar um lugar ativo e propositivo para a psicologia naquele espaço, oferecendo outras formas de entendimento para o corpo. A psicóloga aprendiz apresentava um corpo do saber profissional, a partir da atuação com a psicologia, no entanto, o afeto construído naquele espaço pedia mais movimento. O corpo ansiava por construir outras formas de atuar junto às participantes; é assim, que começo a frequentar as supervisões das estudantes de dança.

Nessas supervisões compartilhávamos a rotina semanal nas oficinas e discutíamos textos teóricos com o referencial na dança. Com o tempo, porém, passo a construir junto às facilitadoras da dança, os programas de atividades que seriam desenvolvidas nas oficinas. Esse movimento potencializa e diversifica, não somente as estratégias do estar no grupo, como também possibilita que as participantes expusessem a forma como percebiam aquele espaço e o que elas conseguiam visualizar de avanço em suas vivências corporais. O afeto movimentado no espaço das oficinas atravessa os corpos. E eventualmente as participantes dividiam o quanto as atividades realizadas modificaram as formas como percebiam e notavam seus corpos, como visto nas cenas abaixo:

Raimunda compartilha o quanto a oficina modificou sua vida, pois hoje consegue se olhar mais no espelho, percebe-se feliz com o corpo e a vida que possui. Pontua que se acha bastante tímida, mas com a dança atualmente consegue se expor mais. Sônia ao falar sobre o impacto das oficinas em sua vida, contribuiu ao expor que depois desse contato com o grupo, percebe mais outras partes do seu corpo e membros que quase não mexia, falou ainda que acha que fazemos mais movimentos do que dança nas oficinas mas que gosta mais assim. (centro de referência de mulheres, julho de 2014)

Jaqueline, que sempre chega agitada para as atividades da oficina, compartilha, antes de ir embora, o quanto estava satisfeita por ter um espaço como este onde ela pode se olhar. (centro de referência de mulheres, junho de 2014)

Fátima divide conosco o quanto está gostando de frequentar as oficinas. Diz que, hoje, por exemplo, ela estava com muita dor mas ao final da oficina se sentia bem mais

leve... Outro dia, quando encontrou a psicóloga que lhe acompanhava no espaço de atendimento individual que o serviço disponibiliza, falou que não tinha interesse em voltar pois achava que as atividades que realizávamos nas oficinas de corpo e dança estavam lhe fazendo bem. (centro de referência de mulheres, outubro de 2014)

Interessante pensar em outro atravessamento que tomou parte das oficinas: o fato dos estagiários homens atuarem junto às oficinas do CRMM-CR. Apesar deles não frequentarem as oficinas de corpo e dança, como muitas delas participavam de outras oficinas do serviço, acabavam por estarem constantemente em contato com eles. Os homens, estagiários de psicologia, participavam das oficinas de crochê e bordado e a presença deles foi significativa, pois possibilitou que elas refletissem sobre situações que envolviam as questões de gênero que discutíamos no serviço. As participantes problematizavam, entre outras questões, sobre as possibilidades de desconstrução de determinados estereótipos de atividades vistas como exclusivamente femininas.

Ouvimos situações em que as participantes contavam sobre, após um dos netos de determinada pessoa, ter visto os estagiários bordando nas oficinas, pediu a avó para também aprender aquela arte. A participante conta que tal fato foi motivo de inúmeras discussões em sua família, pois, os homens de sua casa consideravam estranho o menino se interessar por tal aprendizado. A avó atenta, muito movida por nossas discussões, refletia junto aos seus entes que não existia as tais “coisas de menino e de menina”. A criança se identificava, na verdade, com a tarefa que a avó passava horas fazendo e isso a movimentava em aprender.

Para a equipe, a participação dos estagiários nas oficinas, funcionava como um disparador da questão de gênero. De acordo com a cena, notamos o quanto essa questão provocou movimentações nas participantes. Momentos como este nos mostram a importância em construir espaços onde, a questão da violência de gênero, possa ser um assunto de interesse também aos homens. Os estagiários do serviço, figuras masculinas, e ainda assim, faziam-se atentos às questões de violência que aquelas mulheres sofriam.

Um assunto que as participantes comentaram como significativo foi a presença de homens nas atividades do Centro de Referência. Alzira fala o quanto foi interessante ver os estagiários participando de atividades que ela percebia como sendo exclusivas do universo feminino, realizando tarefas que ela achava que só as mulheres faziam. Jaqueline, a partir da questão levantada, fala sobre a responsabilidade dos homens em

relação aos cuidados da casa e para com os filhos. O assunto se estende significativamente com as mulheres relatando experiências com a presença masculina no ambiente doméstico. (centro de referência de mulheres, novembro de 2014)

O trabalho desenvolvido no CRMM-CR afeta profundamente as experiências da psicóloga aprendiz. Para além dos diversos momentos de indecisões que fez parte do acompanhamento das oficinas de corpo e dança, a atuação junto às mulheres da Maré possibilita que ela reflita sobre os aspectos mais amplos que atravessavam as oficinas. A partir desse exercício profissional, atentamo-nos, por exemplo, para as questões que atravessam a construção de políticas públicas no Brasil. Nossas políticas, muitas vezes, pouco atentam para as especificidades dos territórios onde elas são executadas. Fato este observado, quando, por exemplo, encontrávamos entraves em intervenções e acompanhamento de determinada situação, diante de possíveis acionamentos da força policial. Com as participantes das oficinas de corpo e dança, não podíamos orientar prontamente sobre o acionamento à Rede de Atendimento às mulheres em situação de violência, pois um dos equipamentos que a compõem são as DEAM's, e as mulheres pensavam sobre as conseqüências em ter seus nomes vinculados à entrada de policiais na favela.

Outra questão que percorria parte de nossas intervenções junto às participantes, eram em relação ao tipo de proteção legal que elas tinham direito ao acionar a Lei Maria da Penha¹⁴, como por exemplo, a possibilidade de fazer uso de uma medida protetiva que é utilizada na tentativa de proteger a mulher em situação de violência, para que o agressor mantenha determinada distância, não era uma possibilidade para aquelas mulheres. Os oficiais de justiça, diante de uma denúncia de violência, não entravam na favela para notificar os agressores, assim, em muitos casos, após decidirem por denunciar os maridos/namorados, as

¹⁴ A Lei Maria da Penha, com o intuito de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, prevê, entre as ações cabíveis, no capítulo que trata das medidas integradas de proteção, aos acusados de agressão: I - suspensão da posse ou restrição do porte de armas, com comunicação ao órgão competente, nos termos da [Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm); II - afastamento do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida; III - proibição de determinadas condutas, entre as quais: a) aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas, fixando o limite mínimo de distância entre estes e o agressor; b) contato com a ofendida, seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação; c) freqüentação de determinados lugares a fim de preservar a integridade física e psicológica da ofendida; IV - restrição ou suspensão de visitas aos dependentes menores, ouvida a equipe de atendimento multidisciplinar ou serviço similar; V - prestação de alimentos provisionais ou provisórios. (BRASIL, 2006) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 11/09/2017.

mulheres se viam obrigadas a voltar, em algumas situações, à mesma casa onde moravam seus agressores.

Percebemos, diante das cenas e questionamentos levantadas, o quanto a dança e o afeto marcaram presença nesse espaço das oficinas de corpo e dança no CRMM-CR mas eles também percorreram outros ambientes. Reverbera até outros espaços coletivos, como é o caso dos espaços de estudo e pesquisa. Apresentamos a seguir, uma reflexão sobre parte das experiências vividas durante a ocupação estudantil na Universidade Federal Fluminense.

II.5- Habitando um movimento: O que pode um corpo em uma ocupação estudantil?

(...) Não sabia ao certo o que se propunha à uma ocupação num espaço da universidade, apesar de já ter ouvido falar sobre esses movimentos em outros espaços, como por exemplo, de prédios públicos abandonados e mais recentemente, o movimento secundarista de São Paulo e Rio de Janeiro. O convite de uma das professoras das nossas disciplinas, era para que nossa aula formal fosse reconfigurada afim de que pudéssemos estar junto à ocupação. Para tanto, houve uma adaptação do horário da disciplina e assim, muito dos alunos regulamente matriculados não puderam comparecer; mas havia outras pessoas compondo o espaço. Outros e novos corpos. Corpos juvenis que ao convite da discussão da temática, que seria sobre ocupação e estudos feministas, comparecem e se fizeram presente, seja colocando o corpo na roda, ou contribuindo com algumas reflexões por meio da fala. O que circulou foi uma intensa discussão sobre os corpos marcados, sobre um outro modo de fazer ciência, a possibilidade de criarmos novas formas de estarmos e compormos com o mundo que está constante movimentação e mudança. Havia um esforço por parte das docentes que facilitavam a discussão em se fazer ouvir: a dinâmica da aula fora das quatro paredes até tem alguns atravessamentos que exigiam um outro modo de estar em roda. Creio que havia um esforço nosso também, em tentar linkar o que estávamos discutindo em aula, há semanas atrás, com esse momento de ocupação que nos atravessava. Neste dia participei de outras atividades, entre elas uma reunião dos discentes da pós-graduação que discutiam nossa possibilidade de adesão ou não às atividades da ocupação, bem como as especificidades do lugar que estamos; seja por conta das implicações dos nossos posicionamentos frente ao instituto de psicologia e/ou os centros de pesquisas que fomentam nossas atividades. Diante de tudo o que vivenciei neste dia, o que ficou

como figura pra mim foi uma sensação de não-lugar, de uma certa desterritorialização. Volto pra casa com alguns questionamentos: O que fazer com essa sensação e com esse momento singular da universidade? Como meu corpo ocuparia esse não-lugar? De que forma poderia contribuir com o movimento de ocupação? Que conexões seriam possíveis? Quais atravessamentos nos marcariam nesse momento excepcional em que todos nós, alunos, professores e técnicos, pareciam não entender ao certo o que estava acontecendo, num primeiro momento? (corpo e ocupação estudantil, novembro de 2016)

Junho de 2013, no cenário político brasileiro, foi um mês significativo. Às vésperas de sediar um dos maiores eventos esportivos, uma Copa do Mundo, o país se viu imerso a uma onda de protestos que tomou boa parte das capitais do país. Também conhecida como as “Jornadas de Junho”, o movimento, convocado a partir de redes sociais da internet, não apresentava um líder e não havia a identificação de nenhum partido político ou movimento social organizado convocando as passeatas. Vivenciamos, o que alguns autores nomearam, como sendo a “Primavera Brasileira¹⁵” - milhares de jovens nas ruas, sem uma pauta definida já que as insatisfações eram inúmeras: aumento da passagem, gastos excessivos com a organização dos grandes eventos (Copa do mundo e Olimpíadas), falta de investimento em educação e saúde, entre outras. Alguns afirmaram, à época, que estávamos passando por um momento expressivo, de uma nova forma de organização popular e reinvenções na forma de protestar.

A verdade é que há muito tempo, os jovens não ocupavam as ruas dessa forma. Foi um momento expressivo, significativo mas também violento por parte do Estado. Muitos desses protestos foram fortemente reprimidos pela força policial. Houve várias prisões, mas, no entanto, a única pessoa condenada e que permanece presa até os dias atuais é Rafael Braga¹⁶:

¹⁵ O termo foi uma alusão à Primavera Árabe- movimento de protestos populares que tomou países árabes no ano de 2011.

¹⁶Rafael Braga Vieira, identificado inicialmente como pessoa em situação de rua, estava próximo à uma Delegacia de Polícia no Centro do Rio de Janeiro quando foi abordado por policiais em frente ao Casarão onde dormia. Trabalhador informal- “catador de latinha”, dormia alguns dias da semana no Centro da Cidade, pois nem sempre tinha dinheiro para pagar passagem até a favela onde sua mãe morava, localizada na zona norte do RJ. Sem envolvimento com qualquer grupo político, analfabeto funcional, com perfil sócio-econômico distinto dos jovens brancos de classe média presos nos protestos de junho e que já foram liberados, Rafael Braga, continua preso devido ao sistema punitivo segregacionista brasileiro. Com o estado de saúde debilitado devido à uma contaminação por tuberculose devido à sua permanência no sistema penitenciário, Rafael Brava teve mais um pedido de Habeas Corpus negado nesse ano de 2017. Artistas, intelectuais e alguns políticos iniciaram um movimento nas redes sociais intitulado “Campanha pela Liberdade de Rafael Braga”, a fim de sensibilizar o maior número de pessoas para o forma como os jovens negros são encarcerados sem, muitas vezes, uma chance

jovem negro, catador de latinha, pessoa em situação de rua e que portava uma garrafa de desinfetante “Pinho Sol” quando foi preso pela Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Junto com essa nova forma de protestar, em 2015, acontece em São Paulo um movimento de ocupação das escolas como forma de protesto frente à tentativa de fechamento de quase 100 escolas por parte do governador do estado. Tal movimento, que chegou a ocupar 200 escolas no referido estado conseguiu a revogação por parte do governador, que teve que abandonar a proposta, diante da repercussão midiática e nas redes sociais, que o movimento teve em todo país. Influenciadas por esses movimentos é que, em 2016, tem início as ocupações de escolas secundaristas no Rio de Janeiro, como forma de protesto frente ao iminente golpe político que nos rondava. É neste cenário que as universidades públicas iniciam os movimentos de ocupação estudantil em boa parte das instituições nacionais.

A cena inicial ocorre logo nas primeiras semanas de ocupação acadêmica por parte dos alunos da graduação do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF). Escrever sobre esse acontecimento possibilita-nos meditar, entre outras questões, sobre os atravessamentos desse momento singular da universidade e os afetos produzidos e potencializados em mim e no coletivo que me cerca, a partir dos distintos encontros que vivenciamos nos *pilotis* dos prédios institucionais, quadra de esportes e demais espaços ocupados no campus Gragoatá/UFF.

Estar numa ocupação estudantil era algo inédito em minhas experiências cotidianas e como todo lugar desconhecido, circulei com certo cuidado e entusiasmo pelo espaço. O fato de não estar inserida diretamente em alguma atividade do grupo de ocupantes não deixou de produzir em mim movimentações e reflexões acerca desse espaço e dessa vivência acadêmica. Sentir-me afetada por este momento é pensar nas diferentes reverberações que experimentei enquanto participava das atividades da ocupação. É cogitar ainda sobre as questões que surgiram a partir desse bom encontro, utilizando mais uma vez, um conceito de Spinoza (2015).

O momento inicial de um não-lugar, talvez por estarmos habitualmente confortáveis entre as paredes das salas de aulas, foi, aos poucos, dando espaço para indagações sobre os modos de se estar ocupando; reflexões sobre a maneira como meu corpo interagiu ou se retraía diante de alguma intervenção compartilhada em grupo, e/ou as possíveis conexões que

de defesa. Para saber mais sobre o caso, acessar: <https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/about/> , Acesso: 12/09/2017.

poderiam ser feitas sobre a vida acadêmica e pessoal. Sendo assim, estar na ocupação aumentou, de certa forma, minhas possibilidades de ação e pensamentos.

“Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos.” (FOUCAULT, 2013, p. 14).

O que pode um corpo em um não-lugar? O que vivenciamos nessa experiência da ocupação estudantil foi a capacidade de re-invenções: observamos professores buscando um meio de se fazer ouvir, muitas vezes impondo a voz, tendo em vista a acústica do espaço aberto; notamos um exercício de aproximação entre disciplinas da pós-graduação e da graduação afim de ampliarem o campo de discussão e tornar as atividades interessantes aos alunos da psicologia e demais áreas de conhecimento e institutos; discentes conduzindo atividades e docentes sentarem ao chão participando ativamente da ocupação. E em cada cena, a psicóloga aprendiz registrava em seu corpo essa capacidade de afetar e me sentir afetada por este momento.

Ainda nesse sentido, penso que estar numa ocupação foi também um espaço para questionamentos e ponderações dos modos instituídos com os quais construímos nossas práticas discursivas e posicionamento ético. Um certo grau de revolta frente ao crescente desmantelamento da educação pública, pode ter sido um dos movimentos iniciais dessa ocupação, porém, o que vivenciamos nas semanas seguintes, foi uma gama de reivindicações das mais diversas ordens, onde se propunha a um novo jeito de se fazer universidade e pautar lutas nas mobilizações coletivas.

Esse movimento produziu afecções em corpos/idéias e caberia somente a cada participante dizer se houve um bom ou um mau encontro; pontuar se os encontros aumentaram ou diminuíram suas capacidades reflexivas e seu modo de agir. Ainda assim, creio que participar da ocupação estudantil nos permitiu analisar, acima de tudo, sobre práticas e modos de estar na universidade, buscando uma pluralidade e interdisciplinaridade entre os saberes, por meio de uma prática horizontal e coletiva.

Nessa perspectiva, vale registrar os apontamentos oriundos da “Ocupação Preta”. Esse coletivo se firmou logo nas primeiras semanas da ocupação estudantil e se propunha a organizar atividades (oficinas corporais e rodas de conversa) onde esse marcador racial orientava as discussões. Longe de ser uma forma de segregar a pauta de lutas, como muito se ouviu em relação a esse coletivo, localizar essas marcas nos possibilita entendermos que os

lugares que ocupamos na sociedade e nas produções acadêmico-científicas, são modos de se produzir conhecimento e também uma política de vida.

Haraway (1995), nesse sentido, salienta a importância de uma ciência que se construa a partir de um caráter parcial do conhecimento produzido, não para negar uma objetividade científica, mas para marcar uma objetividade localizada. Acreditamos que tal posicionamento reflete uma aposta no diálogo com as diferenças. Apostar na parcialidade assim como a Ocupação Preta se mostrou. Atentando ainda, para as conexões possíveis entre a perspectiva de Haraway (IDEM) com a localização da “Ocupação Preta”, podemos nos questionar sobre o desafio, das ciências e dos movimentos coletivos atuais, em fazer existir outras falas, outros corpos e outras narrativas nos discursos em voga, uma vez que, os relatos que fazemos das experiências que nos marcam, afirmam a postura ética que adotamos diante da vida.

O que pode um corpo numa ocupação? Se ocupar. Se ocupar e se afetar pelo espaço. Se fazer através dos movimentos corporais, do campo das idéias. Um corpo numa ocupação pode se dispor aberto e poroso à potência das forças pelas quais seremos atravessados. Ocupar, fazer, estar... Esses são alguns, entre tantos outros verbos e modos de compor com a vida, mas atentando para as parcialidades. Meu corpo-ocupado possibilitou um espaço de oxigenação das minhas habilidades corporais. Isso foi possível por experimentar, por exemplo, outra rotina nos modos de estar na universidade, onde normalmente freqüentava para participar de disciplinas específicas ou em reuniões pontuais do colegiado. Circular pelo espaço acadêmico durante a ocupação possibilitou a construção de novos modos de estar e se fazer uma universidade que, pelo o que foi possível absorver do movimento de ocupação, tendia para uma conexão e troca de saberes, corpos e afetos.

A partir dessas questões é possível analisar a importância em estarmos porosos, em deixarmos nossos corpos abertos para o contato com o outro. Deixar-se afetar pelo acontecimento. E para tanto, é preciso habitar o movimento. O corpo que cria é o mesmo que se permite vivenciar sensações diversas. Atentarmos para a forma como esse corpo se fecha em si e interage pouco com o exterior também se faz necessário, pois de acordo com Spinoza (2015) quanto mais diversificamos nossa forma de contato com outros corpos e com o mundo mais aumentamos nossas possibilidades de existência.

Habitar a dança é necessário, pois, como notamos a partir da cena posta, o movimento é o que nos move. Habitar o movimento é estar aberto aos processos de desterritorialização (GUATARRI;ROLNIK, 1996), para então reterritorializarmos em outro lugar, de outro modo, de maneiras distintas. Nesse sentido, a psicóloga aprendiz se desterritorializou-se diante das

afecções na ocupação estudantil, mas esse movimento esteve presente também durante as oficinas de corpo e dança junto ao Centro de Referência de Mulheres na Maré. Esse movimento está presente na dança afro e em tantos outros espaços, porque diz da construção desse lugar de possibilidades criativas. Habitar um movimento é nunca estar estanque. É estar em fluxo, construindo desejos, corpos, movimentos que geram potência criativas de vida.

Capítulo III. Corpo negro e subjetividade: movimentos de uma aprendiz dançarina.

Numa busca informal, em determinada plataforma de pesquisa da internet, enquanto procurava por materiais (artigos científicos, vídeos, textos de movimentos sociais) que dialogavam com a temática corporal negra, ao referenciar as palavras “corpo mulher negra”, dos 10 vídeos iniciais que aparecem direcionados ao tema, 4 possuem conteúdos pornográficos. Ao modificarmos a busca, procurando por “corpo mulher branca”, na mesma plataforma, somente 2 vídeos apresentavam esse perfil, e, no entanto, faziam referência a uma parte específica do corpo da mulher: a bunda- que, vale ressaltar, é um “atributo” valorizado pela cultura brasileira como sinônimo de um corpo feminino belo.¹⁷

De um modo geral, em nossa sociedade, o corpo da mulher é constantemente objetificado, fruto dos lugares desiguais que o patriarcado¹⁸ condiciona aos corpos femininos. Ao relacionarmos tal discussão com a questão racial, o corpo negro feminino apresenta outros recortes que marcam as subjetividades das pessoas negras. A busca informal na internet nos mostra uma dessas marcas: a exacerbada sexualidade com que os corpos negros femininos naturalmente são (re)tratados.

No entanto, carregamos outras marcas. Voltando, uma vez mais, ao período histórico da escravidão brasileira, sabemos que esse corpo negro feminino tinha por função atender a, pelo menos, duas expectativas sociais da época: satisfação sexual e trabalho. Vale ressaltar que, em nossos apontamentos, não desenvolvemos a perspectiva de uma marca biológica, como uma identidade da questão racial, nem afirmamos também uma essência, característica genuína compondo essas pessoas. Adotamos a perspectiva de uma marca sócio-histórica. De como esses corpos são construídos social e historicamente. E como assim, vão modelando suas subjetividades marcadas por essas experiências.

III.1 Um corpo negro feminino para o trabalho

Se no período escravocrata as atividades de limpeza e organização das casas dos Senhores, era notadamente exercida por mulheres negras, com o advento das novas relações sociais e de trabalho, o perfil continuou majoritariamente o mesmo. As mucamas de

¹⁷ Pesquisa informal realizada na plataforma “Google” no dia 12/09/17.

¹⁸ Patriarcado é um sistema de organização social sob a liderança exercida pela autoridade do homem em detrimento das mulheres e crianças. Geralmente, nessas sociedades, o homem exerce a função de “chefe de família” e dita o modo como os seus devem se comportar. Enquanto sistema político e econômico, o patriarcado legitima, a partir de práticas hierárquicas e desiguais, os lugares que as mulheres ocupam em nossa sociedade.

antigamente são as empregadas domésticas de hoje. De acordo com o Censo 2010, as trabalhadoras domésticas no Brasil, ocupam 6% das pessoas empregadas e que exercem essa função legalmente registrada em carteira de trabalho. Em nosso atual momento político e econômico, em que enfrentamos uma taxa de desemprego que chega à marca de 13% ao mês, é possível que esses números tenham sofrido alguma alteração¹⁹. No entanto, sabemos que, ainda assim, é a função que comporta o maior contingente de mulheres negras com baixa escolaridade e menor remuneração: 94% são mulheres, 61,6% são pessoas negras e 60% das pessoas que exercem a função, possuem baixo nível de escolaridade: nível fundamental incompleto. Não é por menos que é a atividade com menor prestígio social.

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão-de-obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria, os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da Escravocracia. (NASCIMENTO, 2007, p. 128)

Em palestra divulgada pela plataforma TEDx São Paulo, a professora Joyce Fernandes²⁰ compartilha sua experiência ao trazer relatos do período em que trabalhou como empregada doméstica em cidades do estado de São Paulo, ao longo do ano 2000. Situações como a de não poder se alimentar com a mesma comida que cozinhava para os patrões, a utilização de banheiros diferenciados para empregadas, atraso no pagamento, bem como assédio sexual sofrido, são episódios que ainda hoje fazem parte das experiências dessas trabalhadoras. “A senzala moderna é o quatinho da empregada” diz Fernandes, a Preta Rara, mulher negra, professora, gorda, periférica e rapper, como gosta de ser apresentada:

¹⁹ Dados retirados de uma notícia no website do Jornal O globo. Em 2017 o Brasil enfrenta uma crise política e econômica, em decorrência de uma manobra política de parlamentares do Congresso Nacional em 2016, que votaram a favor do *impeachment* da presidente em exercício. Entre outros agravos, chegamos à marca de 14,2 milhões de desempregados. Acesso em: 19/09/17. Disponível em:

<http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-130-em-junho.ghtml>

²⁰ Joyce, a Preta Rara, descreve, nessa plataforma audiovisual, suas experiências como empregada doméstica. Divulga ainda uma página, na rede social “Facebook” criada em julho de 2016: Eu, empregada doméstica, onde traz relatos de pessoas que ainda hoje, sofrem situações de preconceito e discriminação nos locais de trabalho.

Ela chegou correndo, aflita, e eu nervosa porque esperei muito tempo até ela chegar. Sexta- feira é dia de pagamento. Eu escuto ela entrando com o carro, o barulhinho da chave abrindo a porta. ‘Nossa, minha patroa chegou.’ E aí, quando eu chego, já estava com a roupa de ir embora, só esperando ela me pagar. Aí ela chega e fala: ‘Menina! O dia foi tão corrido, esqueci de tirar o seu dinheiro. Segunda- feira eu te pago.’ A senzala moderna é o quartinho da empregada.(...) É Natal, estou vendo a família da minha patroa se divertindo, todo mundo feliz. Me bateu uma tristeza, porque é natal e eu não estou com minha família. A senzala moderna é o quartinho da empregada. (FERNANDES, TEDxSão Paulo, 2016)

As experiências relatadas pela professora, que antes de cursar a graduação em História, trabalhou durante 7 anos como empregada doméstica, evidenciam as condições precárias de trabalho a que os corpos negros femininos, em sua grande maioria, tem a chance de ocupar profissionalmente nessa sociedade marcada pela escravidão. Fernandes comenta que essa não deve ser a única função a que uma mulher negra tenha a oportunidade de exercer: “Esse serviço (de empregada doméstica) não pode ser hereditário de mulher preta. Por que eu falo que é um serviço hereditário? A minha avó foi doméstica. A minha mãe foi doméstica e eu também fui doméstica.” (IDEM, 2016) De acordo com a professora, umas das poucas formas que temos de mudar tal situação é através do investimento de um capital intelectual. Mesmo com toda precariedade do ensino em nosso país.

A discussão que se faz não é no sentido de desqualificar qualquer tipo de trabalho manual exercido por esses corpos negros femininos, em detrimento de uma possível ascensão diante de uma qualificação profissional adquirida através do ensino superior, muitas vezes. Nossa intenção é refletir sobre as oportunidades de trabalho historicamente disponibilizadas à esses corpos que, acabam por exercer funções com as piores remunerações²¹.

“O capitalismo não cria desigualdades raciais e de gênero: ele as apropria.” Segundo Marjorie Chaves (2014, s/p), o racismo e o sexismo, presentes em nossa sociedade, marca significativamente a vivência de mulheres negras que não se vêem reconhecidas em sua condição humana; não apresentam uma valorização das funções de trabalho que realiza e, quando há uma exaltação de seus atributos, estes se mostram na forma de explorar suas “curvas” e sexualidade, que, certamente, são naturalizadas ou até mesmo consideradas condições inatas a este corpo.

²¹ Dados da Organização Internacional do Trabalho mostram que, em 2009, mais de 70% das mulheres negras exerciam algum tipo de trabalho- remunerado ou não, estavam inseridas no grupo do chamado emprego precário. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-recebem-ate-172-menos/>, Acesso em: 08/10/2017.

A apropriação dessas duas dimensões (raça e gênero) pelo sistema capitalista acontecem, pois elas servem de base para sustentar as relações de desigualdades que mantêm o sistema. Isso ocorre porque elegemos uma força de trabalho menos valorizada e pouco reconhecida socialmente, como acontece com as funções exercidas pelos corpos negros femininos:

Os exemplos não faltam nesse sentido; se a gente articular divisão racial e sexual de trabalho fica até simples. Por que será que ela só desempenha atividades que não implicam em “lidar com o público”? Ou seja, em atividades onde não pode ser vista? Por que os anúncios de emprego falam tanto em “boa aparência”? Por que será que, nas casas das madames, ela só pode ser cozinheira, arrumadeira ou faxineira e raramente copeira? Por que é “natural” que ela seja a servente nas escolas, supermercados, hospitais, etc e tal? (GONZALES, 1983, pág. 233)

Interessa-nos pensar, mais uma vez, sobre as oportunidades socialmente construídas para que este corpo negro feminino esteja ocupando atualmente tais postos de trabalho. O fim da escravidão não significou inserção social-política e econômica da pessoa negra nas dinâmicas sociais. As marcas sociais e históricas do corpo negro feminino acompanham, até os dias atuais, as vivências negras, seja por conta dessa baixa qualificação profissional e conseqüentemente remuneração, ou ainda a partir da eleição desses “atributos” que lhe foram impostos, como no caso na hipersexualização do seu corpo.

III. 2 Corpo negro feminino sexualizado

Outra discussão pertinente acerca dessa herança histórica da escravidão no Brasil diz respeito à marca sexual que atravessa os corpos negros femininos em sua constituição: sua “natural” sexualização. Tal fato é observado quando nos aproximamos, por exemplo, da discussão em torno da utilização do termo “*mulata/o*”, atualmente empregado como sinônimo de beleza quando referenciado às pessoas negras. No entanto, o referido termo carrega historicamente um registro desqualificado, sendo, inclusive, repudiado por muitos movimentos sociais que apresentam o recorte racial.

O termo, cunhado na época colonial para designar os filhos entre pessoas negras e brancas nascidos no Brasil, é uma referência à mula, animal híbrido, produto do cruzamento entre o cavalo e a jumenta ou da égua com o jumento. Como o cruzamento se dá entre espécies diferentes, a mula nasce infértil, sem possibilidade de reprodução com qualquer outra

espécie. “Ao ser atribuído preferencialmente à mulher, o termo “mulata” nos coloca também diante das relações de gênero, revelando-nos a forma negativa como a mulher negra ainda é vista em nossa sociedade.” (GOMES, 2008, p.256)

Dentre as diferentes formas (literatura, viés médico, carnaval, entre outros meios) onde foi se construindo essa constituição natural da sexualidade do corpo negro feminino, pautamos nossa discussão a partir da figura da *mulata* apresentada por Sargentelli. Acreditamos que tal perspectiva, pela especificidade de transcorrer num programa televisivo e de alcance nacional, contribui ativamente na construção desse imaginário entorno do corpo negro feminino. Se no período colonial, o termo foi cunhado a partir desse viés pejorativo, no início dos anos 1970 ele ressurgiu com esse caráter de “valorização” do corpo negro feminino marcado por sua sensualidade. Apresentador e radialista, Sargentelli²², promovia concursos de beleza onde só participavam mulheres negras, numa tentativa de enaltecimento desses corpos.

Percebemos que, se num primeiro momento, havia uma falta de humanidade ao se comparar os corpos negros femininos a uma condição animal, a *mulata* passa a assumir uma perspectiva de hipersexualização, tendo em vista a forma como as mulheres eram apresentadas no referido programa, por exemplo: trajes de biquíni em pequenas proporções que ressaltavam suas curvas e o “verdadeiro” corpo da mulher brasileira.

Tratar o corpo negro feminino em sua condição natural de sexualidade evidencia um de nossos maiores dramas: 52,3% das mulheres que sofreram violência sexual no Estado do Rio de Janeiro, em 2016, eram mulheres negras e pardas²³. Tal fato declara que este corpo é passível de todas as formas de violência. Esses dados se apresentam também às nossas crianças e adolescentes. De acordo com dados da Unicef Brasil, a violência contra criança e adolescente é uma questão que deve ser combatida com a participação dos mais variados atores sociais. Segundo a organização a vulnerabilidade à situações de violência aumenta quando evidenciamos as especificidades de alguns grupos: negros, pessoas com deficiência, meninos e meninas em situação de rua que vivem em bairros populares nos grandes centros urbanos, os gays devido à violência homofóbica, são os mais afetados²⁴.

²² As mulatas do Sargentelli também era um espetáculo para turistas no Rio de Janeiro.

²³ Dados Dossiê Mulher 2017 do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em: 19/09/17. Disponível em: <http://www.ispdados.rj.gov.br/SiteIsp/DossieMulher2017.pdf>

²⁴ Dados Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef Brasil). Acesso em: 19/09/17. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/activities_9410.html

III.3 Compendo com as diferenças

Era tarde de um domingo. Havia uma sensação de ansiedade em torno da oficina de ballet das yabas, tendo em vista que a proposta da oficina dialogava com meu interesse de estudos no momento; além da temática da discussão, escolhida com antecedência pelo grupo que organizava, ser algo que atravessa boa parte dos relacionamentos das mulheres: violência cometida por parceiros íntimos. A sensação de “deslocamento” também se fez presente em alguns momentos na referida tarde. Na ocasião reservada para a partilha, houve uma divisão do grupo em outros menores e assim foi possível ouvir com mais atenção algumas histórias de rejeição a partir das falas das mulheres: Ana divide em relação ao tema situações de namoros onde sentia uma certa dificuldade por parte dos parceiros (não negros) em assumir o relacionamento, sendo ela uma mulher negra. Vitória, de cabeça baixa em boa parte desse momento, diz, com tom de voz baixo o quanto não se sentia vista em seus relacionamentos uma vez que, seu último namorado fazia questão de lhe tratar mal diante de qualquer coisa que lhe desagradasse. Ela associava o fato por sua condição racial. Os relatos chegavam e sentia-me confusa, parecia que a vivência daquelas mulheres não eram as mesmas que a minha. E realmente não eram, não visualizo essa situação no meu último relacionamento. Esse pequeno grupo, composto coincidentemente por mulheres negras, carregava outras marcas. Que outros marcadores nos conectavam naquele momento? Quais marcas evidenciavam nossas diferenças? No momento direcionado ao trabalho corporal sentia-me mais integrada ao grupo, disponível, aberta, aprendendo. Seria o corpo o elemento que nos marcava e unia naquela tarde? Que corpo era esse que nos conectava? (oficina das yabás, novembro de 2015)

O grupo acima teve a proposta de trabalhar o corpo da mulher negra a partir de representações mitológicas da cultura africana, dando ênfase às orixás femininas²⁵. As pessoas, em sua grande maioria mulheres, que participavam naquela tarde pareciam fazer parte de algum movimento político e ocupavam determinada classe social (a saber, classe média). Tal fato é confirmado após nossa apresentação inicial onde falávamos de nossa formação acadêmica, evidenciando um posicionamento político e um discurso formal

²⁵ “Para os iorubás tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses (e deusas) que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana.” (PRANDI, 2001, p. 20) Reginaldo Prandi. Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das letras, 2001.

embasado teoricamente. Tal postura pode ser vista como uma inserção, ativismo, militância por parte de algumas daquelas mulheres, certa familiaridade e interesse no tema e/ou reporte de autores/as conhecidos e afins em debater a temática racial, por parte de outras. Apesar de estar inserida na temática da violência de gênero, devido ao trabalho exercido no CRMM-CR, tinha pouca aproximação com a questão racial.

As oficinas deste grupo de mulheres aconteciam uma vez ao mês e se propunha a discutir um determinado tema relacionando-o com a questão racial. As pessoas que palestram são mulheres negras e com alguma atuação política e militante. A atividade é dividida em dois momentos onde, inicialmente, há um debate sobre o tema com a exposição de textos, a fala da pessoa palestrante e em seguida o trabalho corporal. Apesar de a proposta ser de um espaço de organização e discussão entre mulheres negras, o grupo é aberto para mulheres não negras e homens, além de receber afetivamente as crianças que acompanham suas mães e pais.

Participava de uma aula num curso de extensão promovido por um grupo de extensão na UFF. O tema do curso era “Feminismos e Movimento Social organizado”. Numa das atividades propostas por uma palestrante, as pessoas participantes deveriam colocar frases dentro de balões de gás e enchê-los. A frase tinha que discorrer sobre o que acreditávamos que era/representava o feminismo negro. Depois de enchê-los ficamos jogando-o para o ar e num determinado momento, pegamos a bola mais próxima e a estouramos. Tínhamos de ler cada frases e discorrermos sobre algo que tenha nos chamado a atenção. Algumas frases apareceram: “feminismo negro é resistência”, “lugar de autoafirmação e empoderamento”, “construção coletiva”. No entanto, quando uma participante lê uma frase que dizia que o feminismo negro não servia para nada já que somos todas iguais, mobiliza as mulheres. (Havia homens participando da atividade mas eles não entraram na dinâmica). A frase possibilitou que uma jovem compartilhasse emocionada um aborto sofrido aos 20 anos e a forma diferenciada que foi tratado nos serviços hospitalares. As pessoas ficavam querendo saber quem era a pessoa que colocou tal frase, começaram a fazer julgamentos dizendo que devia ser uma mulher branca quem escreveu ou um homem. A palestrante problematizou alguns pontos, mas ao descobrir que uma determinada pessoa, que era engajada politicamente, quem havia colocado a frase, pareceu não gostar da atitude pois a frase mentirosa parecia deslegitimar a dinâmica. No entanto, achei que este momento foi bastante significativo. E se tivesse alguém no grupo que pensasse desse

jeito, como conduziríamos a discussão? É preciso um discurso único para fazer parte dos movimentos? (oficina feminismo negro e identidade, julho, 2016)

O primeiro movimento a ser destacado, em relação às impressões desta atividade, é a tentativa em unificar discursos e experiências, fato este recorrente em alguns movimentos políticos e sociais. Apesar de não ser uma postura imposta, muitas vezes a forma como determinados conteúdos são transmitidos, temos a sensação de que a temática e/ou a discussão é uma realidade hegemônica daquele grupo. Como no caso, por exemplo, da questão da violência contra mulheres discutida no ballet das yabás ou as impressões sobre o feminismo negro na atividade do curso de extensão.

Em segundo lugar, elucubramos sobre a utilização do corpo como elo identificador de determinados grupos sociais e políticos. Tanto na oficina das yabás quanto no curso de extensão, o corpo aparece como local que identifica marcas corporais de dor e exclusão. No entanto, com o primeiro grupo conseguimos avançar e temos no corpo, temos a possibilidade de construirmos experiências potentes.

O corpo negro feminino ocupa um lugar característico a partir das relações sociais que constrói, muito por conta de suas experiências de socialização durante o período da escravidão. No entanto, a pergunta que podemos direcionar nossas análises é: Como construir outras significações com este corpo marcado socialmente? A aposta, segundo Longo (2011), é a construção de formas de vida a partir da diversidade de falas, corpos e saberes para uma maior análise acerca das discussões que atravessam as relações cotidianas nessas experiências negras. Estas, por seu aspecto social, são substancialmente construídas no âmbito coletivo. De acordo com Longo devemos construir conhecimentos a partir de experiências comuns, “feixes de possibilidades compartilhadas, com os quais estes corpos reproduzem ou tensionam sentidos.” (IDEM, 2011, p.15) Para tanto, é preciso agrupar, buscar aliados, não somente entre os pares mas é preciso estar aberto à construir com e nas diferenças.

Apostar na construção a partir da diferença é localizar as marcas corporais do discurso, como salienta Silva (2009). A diferença pode ser pensada, nesse sentido, como uma outra produção discursiva e corporal, para além dos saberes hegemônicos predominantes. A construção de outras narrativas, para além das “histórias únicas” (ADICHIE²⁶, 2013) a

²⁶ Chimamanda Adichie (2013), feminista nigeriana, contribui à discussão ao problematizar os perigos de uma história única. A autora compartilha parte de sua experiência de vida questionando sobre as idéias que construímos sobre determinados povos, pessoas e grupos étnicos, a partir da história que se ouve deles. Para se

respeito do corpo negro feminino. Construir na diversidade; compor com as diferentes produções corporais, nas mais variadas tonalidades e formas; avançar com as histórias únicas para produções diversas nessa construção corporal negra. Por isso a necessidade em fazer circular outros discursos, trazer outras histórias desse corpo negro feminino, ouvir novas vozes, mostrar outras formas desse corpo se apresentar. Por isso a dança como possibilidade de criação e invenção corporal.

A não identificação com aquele grupo de mulheres que relatavam histórias de violência na oficina das yabás, o qual não sentia fazendo parte naquele momento, chama a atenção agora para a importância de fazer circular outras histórias, nesses coletivos e movimentos sociais, onde, inclusive, outras formas de ser corpo negro feminino possam existir (e talvez até já existam). Criar meios onde os corpos negros femininos tenham a possibilidade de invenção de novas e diferentes histórias e relatos de vida, compondo com as marcas corporais de dor, violência, invisibilidade, entre outros aspectos que possam existir no processo de construção corporal negra. Abrindo espaço para uma sensibilidade, inclusive, para aqueles movimentos corporais que não são atravessados por essas mesmas dores.

Como fazer emergir as singularidades em corpos marcados?

A exposição “Silêncio(s) do feminino”, em cartaz num Centro Cultural do RJ em julho de 2016, discorria sobre estética, corpo e violência contra a mulher. A mostra refletia sobre as vulnerabilidades socioculturais vividas pelas mulheres no decorrer dos tempos e continha algumas obras que expunham a temática contendo vídeos à painéis fotográficos. Uma das obras expostas era a figura desenhada do corpo de uma mulher negra. Esta dava visibilidade a um corpo num painel dividido em três partes na horizontal e recebia o nome de “Assentamento” que, ao que recorde da explicação que continha, falava sobre essa fixação num determinado lugar e descobrir suas raízes. A imagem inclusive tinha “costurada” raízes aos pés da mulher. Gravei essa imagem e a mensagem que chega até mim. Segui para a aula de dança. Começamos as atividades dessa noite com uma discussão sobre o que entendíamos por estética afro baiana, movimento que deu origem a alguns blocos afros. Tivemos um número significativo de

criar o que Chimamanda chama de “uma história única” é preciso mostrar um povo como uma coisa, “*como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão*”. Disponível em: ADICHIE, Chimamanda. Os períodos de uma história única. 2013. Acesso: 02/03/2017. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>

participantes hoje: chegamos a um total de nove pessoas. O trabalho corporal era de movimentos que se propunham a percorrer determinadas características de alguns desses blocos afro baianos, como Ylê Aiyê, Olodum, etc. A professora, agitada, falava com certa ironia que ainda não dançávamos, que não passaria nenhum passo novo porque estávamos fracos na dança e coisas do tipo. Numa dessas convocações solicita às pessoas participantes: “Eu não tô vendo corpo!” “Eu quero ver corpo!”. (dança afro, julho de 2016)

O corpo negro feminino enraizado na figura do Centro Cultural versava sobre essa busca de raízes, de uma possível ancestralidade feminina negra como possibilidade de resistência frente às situações de violência que as mulheres enfrentam cotidianamente. Assim como na exposição, os movimentos corporais construídos na dança, possibilitam a construção dessa autonomia nestes corpos marcado social e economicamente pela lógica da exclusão e mais propenso às vulnerabilidades.

O corpo negro feminino subordinado, cativo, algumas vezes limitado ao espaço do trabalho nas plantações e senzalas nas fazendas, e atualmente, ocupando cargos de emprego de baixa qualificação e remuneração, tem a possibilidade de construir outras versões sobre sua história. Construir um corpo na dança é criar formas novas de existências e resistências para este corpo negro feminino. Se durante boa parte da construção de sua socialização, o corpo negro foi inferiorizado, sinônimo de trabalho servil e objetivificado, na dança, ele tem a possibilidade de construir outro lugar, resgatando sua condição humana, distanciando-se do status de coisificação que o marca desde os tempos da colonização brasileira.

O corpo, aspecto de possível ligação entre as jovens mulheres naquela tarde de domingo que discutiam relacionamentos violentos e o qual a professora de dança nos convoca, é a possibilidade desse lugar liberto. Livre das amarras e castigos, que outrora o diminuía dando abertura para produção de histórias singulares, onde a postura e a firmeza corporal evidenciam “para que este corpo veio”, como dizia a professora de dança afro. Além disso, o desenvolvimento de um trabalho corporal que é individual e ao mesmo tempo coletivo se faz significativo tendo em vista as modificações que proporcionam na vida das pessoas que disponibilizam o corpo ao encontro.

Esse traço fica evidente quando encontramos relatos como de Luzia, uma das participantes do diversificado grupo de dança afro. Luiza é uma jovem não negra e participa com animação da referida aula. No momento em que nos dispomos a falar sobre nossas impressões daquele dia, a jovem compartilha sua motivação em participar das oficinas de

dança. Para Luiza o grupo apresenta um diferencial, pois tem a possibilidade de trabalhar os movimentos do corpo e ao mesmo tempo estar construindo formas de cuidado para consigo. Nas oficinas de dança afro, complementa “*temos a possibilidade de colocarmos nosso corpo onde quisermos.*” (dança afro, abril 2016)

O trabalho corporal promove um contato consigo e uma integração entre as pessoas que participam, apresentando diferentes intensidades, tenha ele a função de se propor a um trabalho terapêutico de fato, ou de uma dimensão recreativa, como é o caso de algumas danças, desenvolvendo técnicas específicas ou recursos variados, grupos exclusivos de mulheres ou diversificado. O aprimoramento corporal apresenta essa característica porque “o trabalho corporal encerra uma dimensão terapêutica, na medida em que toma o corpo como referência direta de nossa existência mais profunda.” (VIANNA, 1990, p. 118)

Além disso, o estar em grupo possibilita a construção de vínculos de apoio, seja por ouvir e compartilhar histórias de vida semelhantes às experiências que vivenciamos ou por nos permitir o aprendizado com situações que não experimentamos mas que nos dispomos a ouvir e acolher as distintas narrativas. Alzira, numa das atividades no CRMM-CR, vendo uma participante queixosa de sua condição corporal, por se achar gorda e com pouca mobilidade, incentiva: “*Vai sim, você consegue. Deixe essa palavra, ‘você não consegue’ de lado!*”. (centro de referência de mulheres, abril de 2014)

O grupo se mostra como um espaço onde elas conseguem expressar alguns de seus ideais sobre corpo, beleza e o como se envolvem em discussões mais complexas, como por exemplo, as que figuram no campo dos direitos ao uso de seus corpos e sexualidade. Ao longo desses anos de pesquisa e devido, inclusive à diversidade na constituição das participantes da oficina de corpo e dança na Maré, foi possível colecionar os mais diferentes discursos sobre algumas dessas temáticas.

Nas vivências do corpo negro feminino na dança afro, por exemplo, devido ao perfil das participantes estarem, na mesma faixa etária, o discurso era sobre uma ousadia, apropriação de seu corpo e certa militância, por fazer valer o que elas entendiam como sendo seus direitos fundamentais. Notávamos essa questão, quando, discutíamos o direito de circular pelos espaços públicos sem serem agredidas ou sofrerem assédios sexuais, por exemplo.

O mesmo tema, quando lançado ao grupo de mulheres que participavam das oficinas de corpo e dança na Maré levantava outras questões. Para aquelas participantes, que vinham de uma formação pessoal mais rígida e que culpabilizava as mulheres, era recorrente o discurso em que a pessoa que sofreu agressão poderia ter evitado se submetesse ao que os

maridos ditavam ou se utilizasse roupas “decentes”, as discussões que envolviam os direitos sexuais reprodutivos, em boa parte das vezes, deixava evidente parte dos posicionamentos delas.

Alzira levantou assuntos que mobilizam o grupo de mulheres. Começa falando dos adolescentes que cometem ato infracional deveriam ser penalizados por suas ações e “depositar” todo mundo na cadeia. Questiono se ela acredita que a cadeia é um lugar que promove a ressocialização dos jovens, ela responde que sim e acrescenta que os presos deveriam trabalhar sem receber salário algum e que poderiam ter ser pés amarrados em bolas de ferro como antigamente. Esclareço sobre a questão do auxílio-reclusão que é direcionado às famílias das pessoas que trabalham de carteira assinada no momento em que cometem delito e Alzira se mantém firme em seu posicionamento. Como se um assunto levasse a outro a participante diz não tem pena das mulheres que abortam, pois segundo ela “tem muita gente querendo adotar”. Divina participa da conversa e diz que esteve prestes a abortar sua primeira filha mas que no momento em que chegou à clínica que sua antiga patroa lhe levou, desistiu. Pontuo sobre a questão do aborto ser uma escolha que diz respeito ao direito usos do corpo da mulher, além de ser assegurado às vítimas de estupro e em caso de gestação de anencéfalos e Alzira reafirma que em situações assim deixar a criança para adoção seria a melhor alternativa. (centro de referência de mulheres, setembro de 2014)

E,

A proposta do exercício era afim de estimular e exercitar a improvisação com os movimentos. Nesse momento da aula, Jaqueline chega. Divina fica olhando o tamanho do seu short e a participante comenta rindo, que Divina estava reparando no tamanho do seu short pois era curto. Divina responde que ela estava bonita e que só achava feio quando a pessoa usava roupas curtas e era avó. As duas sorriem. (centro de referencia de mulheres, maio, 2014)

Outra característica recorrente dessa configuração em grupo é a possibilidade de espaços de trocas. Gabriel, jovem negro e único homem a participar de uma oficina de dança afro, num determinado dia. Compartilha a importância do que trabalhamos corporalmente

naquele encontro, pois para o jovem, a atualidade das questões sociais que percorrem o corpo negro são pautas necessárias. Gabriel divide suas impressões com o grupo após desenvolvermos uma atividade que consistia na construção de um corpo resistente. Os movimentos que pediam uma postura rígida, membros superiores hasteados, “iria para as ruas” dizia a professora. Segundo ela a dança que estávamos construindo seria apresentada em algum espaço público junto às atividades de protestos que aconteciam em determinados locais da cidade do Rio de Janeiro, frente aos descasos dos Jogos Olímpicos que sediávamos à época. Seria um corpo-protesto.

A professora de dança afro, comentava em outros momentos, o quanto aquela dança permitia a construção dessa memória de resistência. Diferente de outros movimentos que oferecem a perspectiva cultural, a particularidade da dança afro, segundo ela, seria por desenvolver a questão do corpo negro favorecendo um resgate da sua condição histórica. O corpo e a dança em união às questões que atravessam nosso dia a dia, o corpo em movimento é o corpo da resistência, que constrói e persiste. “*Trabalhar o corpo é construir lugares de resistência*” enfatiza o jovem Gabriel. (dança afro, julho de 2016)

O corpo negro feminino que dança (mesmo marcado) é capaz de rupturas. A ele é permitido ocupar outros espaços, apresentar-se de novas formas e construir diferentes significados existenciais. Este corpo, que não é tratado por uma essência e possível biologia negra, mostra-se em seu aspecto devir.

III.4 Devir corpo-negra

A Atividade da Roda de Conversa na Ocupação Preta na UFF se propunha a trabalhar corporeidade e movimento por meio das culturas populares, como por exemplo, o Maracatu, dança em que a facilitadora da Roda de Conversa demonstrava interesse de atuação e estudos. O encontro começou com a participação de aproximadamente seis pessoas e foi dividido em dois momentos: uma exposição do tema através de uma apresentação no formato de slides e um trabalho corporal. Porém, uma cena que antecede a atividade em si, que me chama a atenção. A facilitadora da oficina conversava com uma das pessoas que lhe fizera o convite para a fala desta tarde, sobre sua questão com alguns movimentos identitários, onde ela, branca, não seria “lida”/vista/aceita enquanto uma pessoa negra. A questão que ela levantava era justamente poder reivindicar esse aspecto que lhe constituía, não somente por conta de

sua expressão de fé candomblecista- de matriz africana- e sua proximidade em danças populares negras, mas falava de uma identificação pessoal e cultural que, em determinados espaços, ela inclusive, tinha dificuldades em ser ouvida. (corpo e ocupação estudantil, novembro de 2016)

O corpo pede passagem para além do decalque, precisa se relançar aos devires para se desprender dos seus modelos molares, conquistando, assim, uma dimensão molecular. (Moehlecke; Fonseca, 2005, pág. 55)

A oficina de danças populares aconteceu durante uma atividade organizada pelos integrantes do coletivo “Ocupação Preta”, já mencionada anteriormente nesta escrita. Ela se deu de forma pontual mas dialogava com as diferentes discussões levantadas pelo coletivo que, entre outros apontamentos, discorria sobre saberes negros pouco valorizados em nossa sociedade. O fato dessas discussões racializadas terem sido feitas no espaço acadêmico e durante uma ocupação estudantil é significativo pois permite-nos problematizar os saberes acadêmico-científicos produzidos nos centros de estudo e pesquisa. Local onde os corpos negros muitas vezes servem como objeto de pesquisa, sendo poucas vezes, porta-vozes de suas histórias.

A importância em construir leituras de mundo a partir de uma prática plural e diversa também se mostra significativa. Produzir conhecimento é fazer política. É construir práticas políticas de vida. As leituras e concepções que fazemos do mundo irão significar o ponto de vista que acreditamos e na aposta ética que construímos com nossas experiências. Nesse sentido, é preciso salientar o desafio que alguns movimentos organizados atuais tem enfrentado ao se fecharem em seus habituais discursos hegemônicos, não construindo diálogos possíveis à outras falas, corpos e narrativas.

Notamos que esse desafio também é lançado aos estudantes (profissionais aprendizes), pois é preciso saber habitar a fronteira existente entre o objeto de estudo e suas atuações pessoais. Ou ainda quem sabe, ir além, não demarcando lugares e entender que objeto e pesquisador estão num mesmo movimento durante o processo de pesquisa.

O coletivo de Ocupação Preta, sendo assim, pode ser considerado um movimento molecular²⁷, pois pretendia a construção de uma pauta de reivindicações diferenciada das

²⁷ Guattari e Rolnik (1996) ressaltam que as produções molares e moleculares não estão em lados opostos. Elas acontecem de forma constante onde um movimento ou outro fica mais evidente diante de determinada situação, pois “a questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetividade dominante. (pág. 133)

propostas instituídas pelas produções acadêmicas hegemônicas; oferecia uma leitura parcial do mundo, a partir de um saber localizado, possibilitando, ainda, por meio das atividades que organizava, a entrada de um devir, transformando as experiências de ensino daquele grupo, que apresentava uma marca maior, construindo propostas de ensino moleculares. (DELEUZE; GUATTARI, 1997)

O movimento das constituições molares e moleculares não são instâncias fixas, assim como o conceito de devir. Este, segundo Deleuze (1998), “é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. (...) Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação mas de dupla captura, (...)” (IDEM, p.3). Devir é processo, é movimento, um *entre* que se conecta à dois pólos, uma existência na borda. Não apresenta uma preocupação pela forma, pois se apresenta como uma passagem. O processo de devir esteve presente no coletivo de Ocupação preta, está presente na dança, no corpo, uma vez que, todos esses aspectos são movimentos, ações entre processos que ora se figuram como molares, ora moleculares.

Corpo enquanto singularidades como afirmam Moehlecke e Fonseca (2005) é esse processo de criação, não somente de novos passos na dança, mas de uma produção de sentido nos modos como o dançarino compõe suas outras relações, com a música, seu coreógrafo, com seu movimento. Esse devir-corpo “implica, portanto, multiplicidade, metamorfose, potência de afetar e de se deixar ser afetado pelos encontros, derivando-se, assim, blocos de devir, que nos levam a novos modos de existência.” (p. 56) Essas produções existenciais, uma vez abertas às possibilidades de conexões, construiriam modos de vida corporais criativos.

Ainda nessa perspectiva da criação, movimento e dança, Caetano, Resende e Torralba (2011), propõem a construção de um devir-dançarina ao afirmar essa intensividade corporal a partir de um corpo que se abre às experimentações. Expandem a discussão ao nomearem que devir, mesmo sendo de um dançarino homem, será sempre um devir bailarina/dançarina e que

A dança enquanto prática de intensificação do sensível possibilita a construção do plano de imanência do corpo: plano de experimentação corpórea aberta aos devires, num exercício ético de construção de si. Na medida em que a dimensão sensível é intensificada, o corpo pode entrar num exercício de escuta de si e de apropriação das forças que o atravessam e o fazem devir. A dança pode possibilitar a tomada ontogenética do corpo como jogo dinâmico entre uma dimensão intensiva e extensiva, multiplicando-o em formas cambiáveis. (IDEM, 2011, p. 360)

Devires são da ordem da inventividade, da criação e da abertura à novos modos de ser. Devir ativo a partir do movimento, do corpo que dança. Assim, a construção de um devir corpo-negra na dança seria possível, uma vez que a entendemos enquanto movimentos criativos de formas singulares de existência. Devir corpo-negra não é uma identidade, mas um movimento criativo.

Portanto, quando a facilitadora, durante a conversa informal que antecipou a atividade na Ocupação Preta, comenta sobre suas questões em relação à temática racial, buscando o exercício de uma vivência negra, pensamos que ela reivindica esse devir corpo-negra, que é a construção desse corpo da resistência ativa, da criação. Enquanto disserta a facilitadora expõe suas questões, está ciente e pronuncia à sua interlocutora, as marcações que seu corpo não negro está sujeito nos lugares pelos quais circula. Pronuncia que, possivelmente, não passaria por determinadas situações de preconceito que, com frequência, acometem as vivências das pessoas negras em nossa sociedade. Ela não busca ser vista como uma pessoa negra em sua marca identitária. O que ela anseia, diante da análise que nos propomos, é esse devir corpo-negra, que é a produção de singularidades, a partir desse corpo que se encontra numa posição minoritária, não por ser menor em termos numéricos, mas porque a condição branca é o padrão hegemônico instituído em nosso coletivo, é o padrão molar.

Em meios aos primeiros movimentos da oficina de dança afro noto a presença de Miguel: um jovem negro que participava deste encontro. A primeira coisa que chama minha atenção é sua beleza e simplicidade- Miguel tinha um rosto que transparecia calma e serenidade. Passado esse momento inicial de encantamento, noto que Miguel não tinha um dos membros superiores. No entanto, em nenhum momento isso foi impeditivo para que ele realizasse qualquer tipo de movimento solicitado. O jovem realizou todos com desenvoltura e assertividade. A falta de um dos braços não foi uma questão para ele. Enquanto nos movimentávamos a professora solicita sua frase recorrente: “Eu quero ver corpo!”. Conduz a dança afirmando que a repetição dos movimentos só fazia sentido se colocássemos uma intenção. “Repetir os movimentos sem uma intenção, sem um entendimento sobre ele não quer dizer nada” dizia enfaticamente. Ao final da oficina, sentados em roda, conversamos sobre nossas impressões sobre os movimentos realizados. Falamos sobre a concentração que os movimentos e as sequências nos pedem, sobre a consciência de partes do corpo, sobre o cansaço pelo ritmo e a importância de ocupar aquele espaço. Nesse momento que, mais

uma vez, voltando meu olhar para Miguel observo que, além de não ter um dos braços, um de seus pés apresenta algum tipo de deformação. A professora, com o intuito de finalizar as atividades, (re)afirma sobre a importância em ocuparmos aquele espaço físico que, mesmo construído a partir de uma parceria com a Secretaria Municipal de Gênero, Raça e Etnia, é preciso “muita briga” para estarmos ali. (dança afro, março 2016)

A oficina de dança afro, neste dia, começou pouco depois do horário habitual. Às terças-feiras, as oficinas aconteciam num salão onde, semanalmente, havia reuniões de outros grupos. Neste dia acontecia uma homenagem às mulheres devido ao dia 08 de março. Recebo o convite e quase “intimação” para me juntar à roda de mulheres. Agradeço ao convite, com sorriso no canto dos lábios e continuo minha leitura. As pessoas que convidaram não ficaram satisfeitas com a resposta e verbalizaram o quanto aquela data era significativa para as mulheres e que, por isso, devíamos ocupar aquele espaço. Também acredito nessa afirmação, no entanto, estava receosa em não contribuir em nada com o grupo. Assim que a professora chega, no entanto, mal nos cumprimenta, pega uma cadeira e nos convoca a sentarmos juntas às mulheres.

Para além de ser uma atividade em que as participantes movimentam o corpo e com isso, realizam algum tipo de atividade física, as oficinas de dança afro, se mostram, como observamos na cena acima, em um lugar de embates e construção de políticas sociais. Não sabemos afirmar se essa relação com as questões sociais, aparecem em outros grupos de dança. Tal especificidade descreve a experiência de um determinado grupo, numa cidade específica, uma prática localizada.

Os movimentos do corpo na dança evidenciam a construção de movimentos políticos na vida. Descrevem as perspectivas sociais em que estamos filiados e mais do que isso, deixam evidentes a relação entre o corpo que dança com uma postura criativa diante da vida. Miguel, passados os momentos iniciais de encantamento por sua beleza, chama a atenção por sua possibilidade em construir modos criativos na vida. A invenção que este corpo fora dos padrões físicos de perfeição é capaz de movimentar em cada balanço na dança afro. Não acreditamos que qualquer tipo de limitação de ordem física seja impeditivo para realizar tarefas ou movimentos corporais, o que nos interessa levantar como questão, é a possibilidade de perceber este corpo com movimentos em seu devir corpo negra: sua forma criativa e inventiva diante da vida.

Sábado algum na dança afro: 2016. Estávamos num espaço novo para a aula desta manhã. Na parede, fotos e objetos de pessoas que praticavam capoeira, havia também algumas pinturas de orixás do candomblé. Após uma aula intensa, de movimentos firmes, sentamos em roda e cada pessoa pode falar um pouco sobre a experiência daquele dia. Um francês, de pouco mais de 50 anos, compunha o grupo esta manhã. Acompanhou cada movimento daquelas mulheres de cores diversas e compartilha a sensação de acolhimento que o grupo lhe proporcionou. Dentre os elogios que listou citou a generosidade e a experiência que o grupo transmitia. (dança afro, julho de 2016)

O participante francês chega para esta oficina de forma inusitada. Estávamos em um número de 3 participantes realizando nossos movimentos iniciais de aquecimento, quando ele passa pela rua, acompanhado por uma mulher, igualmente branca e com traços característicos de não brasileiros. O espaço onde fazíamos a oficina continha grandes janelas que mostravam praticamente tudo o que realizávamos no lado de dentro. Ao ver o grupo de mulheres e ouvir a música que tocava, algo lhe chama a atenção. Ele nos olha, conversa algo com a mulher que o acompanhava, lê o panfleto que estava preso à porta referenciando a oficina daquele dia, e em poucos instantes, após trocar algumas palavras com a professora, a mulher que o acompanha desce a ladeira e ele junta-se a nós.

Com a mesma admiração com que nos olhava durante o aquecimento, o francês concentra-se nas movimentações e solicitações com que a professora orientava a atividade. Durante os movimentos, recordo-me o quanto aquele corpo não negro desperta minha atenção. Não acreditava no que ele era capaz. Não podia imaginar que aquele corpo branco, de meia idade e suor excessivo, acompanhariam nossos movimentos. É então que o corpo surpreende. Mostra-se curioso ao observar nossos corpos e apreender novos movimentos. Dispõe-se aberto às instruções que a professora solicitava, aberto ao fluxo criativo que nos era solicitado naquela manhã. O corpo do francês realiza todos os movimentos convidados sem receio, nem timidez.

Ainda assim, coloco-me a pensar sobre que o que teria despertado sua curiosidade e o instigado a participar de nossa oficina. Tomando a perspectiva de quem transitava pela rua e observava o que acontecia naquele espaço pequeno, algumas questões podem ser levantadas: O que nos permitiu criar uma sintonia na dança que fez com que o estrangeiro (a pessoa de

fora), se aproximasse? O que falar de nossa configuração inicial contendo, somente corpos femininos? Qual referência de dança afro nos integrava? O que falar do som dos tambores e o movimento que compunham o cenário? Que impressões, o corpo denso, branco e masculino, que nos primeiros movimentos já transpirava e mostrava o vermelhidão no rosto, deixou no grupo? Há algo além da marca majoritária e hegemônica de um corpo?

Para essas questões, não obtivemos respostas. No entanto, no momento destinado ao compartilhamento de nossas impressões sobre a atividade, descobrimos que o simpático francês, residente há alguns anos no Brasil, era um amante da cultura negra e aprendiz dançarino na dança afro. Ele divide com o grupo que já fizera outras oficinas de dança, nas mais diferentes regiões do país e guardava com carinho suas experiências com o corpo negro. Compartilha empolgado sua recente passagem por Salvador e encontra na professora, que nasceu naquele Estado, um olhar afetuoso, de cumplicidade em relação aos movimentos que lá são criados.

Diferente da facilitadora da Roda de conversa na Ocupação Preta que reivindica essa marca corporal negra, o francês passa pelo grupo com uma participação singela, só não diria invisível porque sua presença corporal se destacou entre nossos corpos negros femininos, naquele dia. O que nos chama a atenção em sua participação foi sua demonstração de aprendizado perante o grupo. Postura essa que evidencia a construção de uma abertura para criação, abertura ao novo. Ao se colocar enquanto aprendiz naquela manhã, o devir corpo-negra de um francês, mostrou suas possibilidades de invenção na dança.

Enquanto realizávamos os movimentos solicitados pela professora, lembrei-me da importância no compartilhamento oral dos ensinamentos da cultura africana, referência essa que havia aprendido oficinas anteriores, e que atualizava com a presença de um amigo da professora na oficina de hoje: muitos dos saberes e práticas culturais difundidas pelas culturas africanas se baseiam nos ensinamentos orais, pois alguns grupos não dominavam a escrita formal segundo ouvi certa vez, em determinado grupo. O mestre presente também nos solicitava movimentos e, numa oportunidade pouco habitual, tínhamos dois corpos negros conduzindo nossos passos. Realizamos diferentes sequências de giro sobre o mesmo eixo. A concentração e repetição foram o norte dos movimentos. A exigente professora reclamava com o grupo e dizia, como de costume, que ainda não estava vendo ninguém dançar. “Movimentos puros e sem intenção não são dança, a dança precisa de intenção, precisa passar uma mensagem”,

repetia ela. Num determinado momento, notei-me admirando seu corpo e a forma como ela, não somente orienta as oficinas, mas como coloca seu corpo na vida. Recordo algumas conversas que tivemos onde ela compartilhava, de forma breve, suas vivências pelo Rio de Janeiro, marcada por alguns entraves financeiros e ausências afetivas. Ainda assim, esse corpo me encanta. Resgato uma de suas frases e penso que, assim como ela, meu corpo precisa dizer ao que veio. (dança afro, junho de 2016)

Em boa parte das oficinas que frequentei enquanto aprendiz dançarina, onde construía alguns movimentos, por vezes chegava com antecedência e conversava um pouco com a professora. Ela, com seu corpo negro feminino robusto, mostrava sua história por meio de suas marcas corporais. A aprendiz dançarina, nas conversas, questionava sobre o universo da dança, sobre algumas vivências profissionais da professora, sobre futuros projetos. Pouco foram os momentos de uma troca de situações de cunho mais íntimo. Acredito que até mesmo, porque pessoalmente, também não compartilhava muitas das minhas vivências.

A professora que, em algumas oportunidades, nos convoca a nos posicionarmos de modo diferente nos ambientes que frequentamos, mostra, em suas oficinas e nas atividades que se compromete, a que seu corpo negro feminino veio. Que modos inventivos na vida conseguiu construir para além do que se esperava dele. O devir corpo-negra, de um corpo feminino negro, ocorre quando a professora, mesmo com instabilidades financeiras por conta das trabalhos incertos que possui, constrói projetos e atitudes diante da vida para este corpo marcado.

A aposta no corpo que dança como lugar de possibilidades devir corpo-negra e na tarefa de tentar habitar esse espaço fronteiro entre os movimentos da psicóloga aprendiz e da aprendiz dançarina, se faz possível, pois “a dança, pode ser, em muitos momentos uma ferramenta para habitar o espaço *entre* a instabilidade, o desvio e a criação de novos territórios existenciais”. (Spindler, 2005, p. 275) O corpo não orgânico, e que se compõe com as marcas, na dança, tem a possibilidade de criação.

Nesse mesmo sentido, pensar devir corpo-negra como um processo existencial possível na dança, nos permite atentar para um movimento corporal que está em constante mudança e sofrendo distintas modificações devido ao seu caráter molecular e portanto, instituinte. Devir corpo-negra é produção de modos moleculares de existência, rupturas aos padrões estabelecidos. No entanto, quando o corpo deixa de exercitar esse caráter inventivo,

ele adquire a característica molar, suspendendo, mesmo que por um curto momento, seu aspecto criativo.

O devir opera a fim de provocar uma quebra dos padrões molares para a composição de novas texturas numa dimensão molecular, visto que esta provoca uma ruptura dos estados de dominação, com o intuito de compor novas configurações do corpo. (...) Antes disso, devir significa “involuir”, pois requer a dissolução da forma, a quebra das certezas, a ruptura dos modelos, o que retrata um movimento de involução, ou seja, de criação. (MOEHLECKE; FONSECA, 2005, p. 55-56)

Os movimentos da aprendiz dançarina, ao lançar o corpo na dança, abrem passagem à vivências corporais que transformam as experiências pessoais dos corpos que se lançam a essas novas significações. Segundo Moehlecke e Fonseca (IDEM), “Ao dançar, o bailarino abre seu corpo para captar as mais finas vibrações, ele ativa sua sensibilidade, seus sentidos, para atrair a energia do mundo, de uma forma sutil, leve, que o faça transportar a novas passagens.” (p. 58)

Considerações Finais

24 de maio de 1980. Está escuro e úmido e chove o dia todo. Eu amo dias como este. Enquanto estou deitada na cama sou capaz de aprofundar-me no meu íntimo. Talvez hoje escreverei deste âmagão profundo. Enquanto tateio as palavras e uma voz para falar do escrever, olho para minha mão escura, segurando a caneta, e penso em você a milhas de distância segurando sua caneta. Você não está sozinha. (ANZALDUA, 2000. p.232)

Glória Anzaldúa, escritora *chicana* do sul dos Estados Unidos, num manifesto às mulheres de cor das Américas em favor de uma produção feminina, escreve uma carta às mulheres do Terceiro Mundo. Neste texto, que guarda uma poesia e acalanto, nos inspiramos a fim de construirmos os passos finais desta escrita. As canetas não são mais nossas principais aliadas, temos como colaborador nesse, às vezes árduo processo de composição, uma tela digital que, a cada linha preenchida, auxilia-nos na produção de uma escrita, de um trabalho, de sonhos...

A psicóloga-aprendiz-dançarina lançou-se ao desafio: percorreu movimentos e danças a fim de entender como os corpos negros femininos constroem passos criativos na vida. Com movimentos tímidos, a psicóloga aprendiz cursou essa escrita, permitindo experimentar outras formas de criar: movimentos, extensões corporais e questionamentos; a aprendiz dançarina, por sua vez, tomada por movimentos de afeto, construiu experiências corporais singulares, quando em contato com outras formas de dançar o corpo como, por exemplo, nas oficinas de dança afro. Não estive sozinha neste aprendizado; compomos com os outros corpos negros que iam se mostrando e aparecendo na escrita.

Este corpo individual, que também é coletivo, a partir das experiências corporais construía movimentos de (re)invenção; seja nas oficinas do CRMM-CR aonde Alzira's, Maria's, Cristina's se mostraram, seja nos espaços da dança afro com movimentos de Joana's, Gabriel's ou da dança de um francês. A proposta em desenvolver um trabalho de escrita baseado numa experiência corporal, atrelado às vivências históricas que atravessam o corpo negro feminino, possibilitou análises acerca das criações cabíveis, problematizando o lugar no qual ele está inserido socialmente.

A psicóloga-aprendiz-dançarina que está em constante processo de (re)feitura se mostrou nas experiências e nos diversos movimentos que construímos nossos corpos. Nos momentos onde abrimos canais para produções que percorrem relações distintas- e, às vezes, hierárquicas, nos diferentes espaços pelos quais dançamos. E uma vez que nos permitimos abrir a tais possibilidades, as experimentações de fluxos criativos surgiram movimentando novos aprendizados e outras formas de dançar o corpo.

Porém, como dito inicialmente, os movimentos de paralisação, as falas não ditas, os apontamentos silenciados também percorreram parte desta experiência de escrita. Não seria possível deixar de mencionar os incômodos, a dança que não se completou, o movimento estagnado. Alguns deles percorreram parte das experiências enquanto a psicóloga aprendiz experimentava novos movimentos na construção desse saber profissional, orientado a partir da perspectiva corporal. Ocasões em que o corpo negro feminino não encontrou acolhimento ao falar sobre situações de preconceito e racismo, ou em discussões onde avançamos pouco, na época do trabalho na Maré: como, por exemplo, a questão dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Os corpos negros femininos, naquelas oficinas, talvez devido à questão geracional, acompanhavam resistentes algumas questões levantadas. E temáticas como aborto, utilização de roupas curtas e circular por espaços públicos sozinhas no período noturno, eram sempre acompanhadas de um olhar de julgamento às mulheres que praticavam tais atos.

A aprendiz dançarina, por sua vez, experimentando a dança afro entrou em contato com algumas situações que também não foram de todas confortáveis. Não saberia dizer se era algo no grupo ou de uma necessidade de pertencimento à ele, mas parecia que, quase a todo momento, havia um tipo de discurso permitido; poucos foram os momentos de discussão, de enfrentamento de idéias. Talvez porque o espaço fosse configurado para que o auto cuidado prevalecesse. Quem sabe, inclusive por isso, a psicóloga-aprendiz-dançarina não tenha conseguido expor e levantar algumas questões como queria; a dificuldade em me localizar enquanto pesquisadora e assim fazer intervenções de um lado, e do outro, a participante que recebia benefícios desse espaço de cuidado e construção de um corpo feminino autônomo de outro. Os movimentos se misturaram e, talvez, tenha ficado confuso, podendo ter influenciado parte das análises desta escrita.

No início do texto, afirmamos que buscávamos movimentos de ruptura com o trabalho. No entanto, para além disso, acredito que construímos um movimento de travessia.

Na ruptura, algumas vezes, podemos ter a sensação de ter que abandonar alguns ideais, romper com padrões pré-estabelecidos, já na travessia, caminhamos juntos, buscamos aliados. Nesse sentido, acreditamos que a psicóloga-aprendiz-dançaria percorreu essa travessia a partir de composições. Com movimentos fluidos, por meio de uma dança que potencializava e construía novas formas de se fazer no mundo, outramentos para os corpos negros femininos. A travessia possibilitou que o devir corpo não se visse engessado em algumas representações e abriu espaço para possibilidade de devires criativos, atravessados por movimentos de afeto.

As análises criativas surgiram a partir de uma experimentação devir a partir da dança, onde corpos negros e não negros, ao construírem modos de vida potentes, exerceram sua condição de devir corpo-negra a partir da dança/movimento. No entanto, como última análise nos questionamos se seria possível esse tipo de exercício em outros espaços, para além da dança: o devir corpo-negra seria uma possibilidade em nossas vivências cotidianas, onde os corpos negros carregam marcas históricas, que, como salienta Foucault (2014), produzem os sujeitos?

VI- Referências Bibliográficas

ANZALDUA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas. Ano 8. Primeiro semestre. 2000. (p. 229-236). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>, Acesso: 04/10/2017.

BRASIL. Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Secretaria de Política para Mulheres- Presidência da República. 2011. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres> Acesso em 13 de setembro de 2017.

CAETANO, Patrícia; RESENDE, Catarina; TORRALBA Ruth. Micropolítica do corpo e o devir-dançarina. **Polêm!ca**. v. 10. N.4, outubro/dezembro, 2011. Acesso em 14 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2972/2119>

CENSO 2010. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 12/09/2017.

CHAVES, Marjorie. Sociedade capitalista, racismo e sexismo: a importância da autocrítica feminista”. Blogueiras Negras, 16 jun de 2014. Acesso em 27 de agosto de 2017. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/06/16/sociedade-capitalista-racismo-e-sexismo-a-importancia-da-autocritica-feminista/>

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo, Escuta. 2002.

_____ **Cours Vincennes 24/01/1978. Aula sobre Spinoza e os afetos**. 1978. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5> Acesso em: 30/08/2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um Corpo sem Órgãos?. **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia 2**. tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik- São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª edição), 144p.

_____ ; _____ **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996. 144p.

_____ ; _____ **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4, São Paulo: Ed 34, 1997.

DELEUZE Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escuta, 1998, 184p.

FERNANDES, Joyce. Eu, empregada doméstica. **Palestra** disponível na plataforma TEDxSão Paulo. Acesso em 28 de agosto de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d_n-z3s8Lo

FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976" In:_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, p.285-315. 2005.

_____ **O corpo utópico, as heterotopias**. (Posfácio Daniel Defert). Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições. 2013.

_____ **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIL, José. **Movimento Total- O corpo e a dança**. Tradução Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores, Novembro 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte. Autêntica. 2ª edição. 2008.

GONZALES, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira." Luiz Antonio Silva, Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos, Brasília, **ANPOCS** (1983). Acesso em; 27 de agosto de 2017. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:yyXFwNUBI5sJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolíticas**. Cartografias do Desejo. 4ª edição. Editora Vozes. 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu (5)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de

Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41. Acesso em: 24/06/2016. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro. 2ª edição. Lamparina. 2015

LONGO, Nayara Lima. Políticas do corpo: subjetividades femininas negras. **Dissertação de Mestrado** apresentada no Departamento de Psicologia da UFF. 2011. Disponível em: http://www.slab.uff.br/psm/uploads/2011_d_Nayara.pdf Acesso em: 16/07/2017.

MANSANO. Sônia Regina Vargas. Sujeito, Subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP** 8(2). 110-117. 2009. Acesso em: 29/05/2016. Disponível em: <http://186.217.160.122/revpsico//index.php/revista/article/viewFile/139/172>

MELITOPOULITOS, Anagela. LAZARATTO, Maurício. O animismo maquínico. **Lugar Comum** – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 33-34 jan.-ago. 2011. Disponível em: <http://docs11.minhateca.com.br/862282583,BR,0,0,Lugar-Comum-33-e-34.pdf> Acesso em: 15/07/2017.

MOEHLECKE, Vilene; FONSECA, Tania Maria Galli. Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil. **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 45-59, jun. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100004>.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento** / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

_____ A mulher negra no mercado de trabalho. In: **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento** / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Alberto. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. **Fractal Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v. 21, 2009.

PEREIRA, Dayana Gomes. Dança negra: corpo, memória e performances. **Projeto de Pesquisa de Mestrado** submetido ao Programa Interdisciplinar em Performances Culturais-EMAC/UFG. 2014. Acesso em: 13/04/2017. Disponível em: https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/Dayana_Gomes_Pereira.pdf

RATTS, Alex. Corpo, mapa de um país longínquo- intelecto, Memória e corporeidade. In: **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento** / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RESENDE, Catarina Mendes. **Escutar com o corpo: a experiência sensível entre dança, poesia e clínica**. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense. 2013. Acesso em: 20/01/2016. Disponível em: http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/teses/2013/2013_t_Catarina.pdf

_____ A escrita de um corpo sem órgãos. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, p. 65-75, jun. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000100010>.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir- Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Revista Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. Acesso em: 31/08/2016. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>

_____ Novas figuras do caos: mutações das subjetividades contemporâneas. In **Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências**, org. Lucia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira. Face e Fapesp, São Paulo, 1999; pp. 206-21. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/novascao.pdf> Acesso em: 10/09/2016.

_____ “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. In Fonseca T. G.; ENGELMAN, S. (Org.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Acesso em: 11/06/2017. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Transformações do corpo- controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas**. DP e A, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Marília Rodrigues da. Refigurando monstros: a perspectiva parcial de Donna Haraway como crítica da ciência. **Dissertação (mestrado)** – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social- UERJ. 2009. Acesso em: 24/02/2017. Disponível em:

https://tecno.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Refigurando_monstros_-_a_perspectiva_parcial_de_Donna_Haraway_como_cr%C3%ADtica_da_ci%C3%A2ncia.pdf

SILVEIRA Fernando Almeida; FURLAN, Reinaldo. (2003). Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma metodologia da Psicologia. **Psicologia USP**, 14(3), 171-194. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a12.pdf>. Acesso em: 11/09/2016.

SOUZA, Larissa Velasquez de. O Centro de Referência de Mulheres da Maré- Carminha Rosa e o enfrentamento à violência contra a mulher. **XXVIII Simpósio Nacional de História: Lugares dos historiadores- velhos e novos desafios**. Florianópolis, 2015.

Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439848501_ARQUIVO_TextoANPUHnacionalFinal.pdf. Acesso em 12/09/2017.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**- Tradução Tomaz Tadeu- 2ed., 4.reimp.-Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.

SPINDLER, Patrícia. Dança: uma ferramenta potencializadora da subjetividade. **Mnemosine**, V.01, n.1. (Artigos). Clio-Psyqué- Programa de Estudos e Pesquisa em História da Psicologia. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/53> Acesso em: 07/09/2016.

VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.